

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE MUSEOLOGIA

STEFANIE GUANDALINI CASTANHO

**DIÁLOGOS COM A ARTE: UM ESTUDO DE CASO DO NÚCLEO DE
INTERCÂMBIO E AÇÕES EDUCATIVAS DO CENTRO CULTURAL UFG**

Goiânia
2017

STEFANIE GUANDALINI CASTANHO

**DIÁLOGOS COM A ARTE: UM ESTUDO DE CASO DO NÚCLEO DE
INTERCÂMBIO E AÇÕES EDUCATIVAS DO CENTRO CULTURAL UFG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás como requisito para obtenção do título de Graduação em Museologia.

Orientadora: Profa. Ivanilda A. A. Junqueira
Área de Concentração: Museologia

Goiânia

2017

STEFANIE GUANDALINI CASTANHO

**DIÁLOGOS COM A ARTE: UM ESTUDO DE CASO DO NÚCLEO DE
INTERCÂMBIO E AÇÕES EDUCATIVAS DO CENTRO CULTURAL UFG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Graduada em Museologia, aprovado em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Dr^a. Ivanilda Aparecida Junqueira
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Carla Luzia de Abreu
Examinador

Prof. Dr. Rildo Bento de Souza
Examinador

Dedico este trabalho

aos meus pais Carlos Luís Casali Castanho e Inês Mari Guandalini Castanho que me criaram no meio de tanto amor e me proporcionaram a possibilidade de concluir mais esta etapa da minha vida com muita alegria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus amados pais, Carlos e Inês, por sempre estarem ao meu lado e por terem me apoiado nesta trajetória dentro da universidade, dando suporte em forma de carinho e incentivo. À minha avó Ozilde, por todo amor que sempre me dedicou. À Gilvoneide, minha segunda mãe, por estar comigo em todos os momentos e que mesmo de longe, me transmitiu energia positiva. À Lilica, minha fiel companheira. À minha amada tia Laura, que despertou meu interesse pela cultura. À minha querida tia Tamíme, que ampliou meu olhar para o mundo dos museus e serviu-me de inspiração como profissional. A todos os meus familiares e amigos que estiveram ao meu lado trazendo alegria e partilhando bons momentos. Agradeço à minha orientadora, Ivanilda Junqueira que me estimulou na realização deste trabalho. Aos meus professores da Universidade Federal de Goiás, que contribuíram para a minha formação. A todos os funcionários do Centro Cultural UFG e, em especial, à equipe do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas, Carla, Flávia e Lucas, por compartilharem comigo seus conhecimentos e juntos realizamos um belo trabalho social e educativo, contribuindo não só para minha experiência profissional, mas também de aprendizado pessoal.

SUMÁRIO

Resumo	08
Abstract	09
Introdução	10
Capítulo 1: Centro Cultural UFG: O início de um espaço multicultural	13
1.1 Funcionamento institucional.....	18
1.2 Histórico de exposições na galeria CCUFG	22
Capítulo 2: Novas possibilidades: Formação do Núcleo de Intercâmbio e Ações Edu-	29
cativas	
2.1 Núcleo de Programação de Artes Visuais do	39
CCUFG.....	
Capítulo 3 Estudo de caso sobre a exposição Vozes do Silêncio	43
3.1 Aplicação das atividades de ações educativas.....	52
Considerações finais	58
Referências	61
Anexos	64

SUMÁRIO DE IMAGENS

Imagem 1: Croqui de estudo 2 do Centro Cultural UFG.....	17
Imagem 2: Convite para abertura do CCUFG.....	19
Imagem 3: Exposição Arquipélago.....	25
Imagem 4: Visita da Associação de Deficientes Visuais na exposição.....	37
Imagem 5:Ação educativa na exposição “Olhares pra Dança”.....	38
Imagem 6: Obra “Aceita?” de Moisés Patrício.....	48
Imagem 7: Obra “A notícia” de Dalton Paula.....	50
Imagem 8: Obra “Auto declaração de homem negro afro-indígena / Afro Borum.”.....	51
Imagem 9: Aplicação de ação educativa 2017. Acervo do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG.....	53
Imagem 10: Trabalhos feito pelas crianças durante ação educativa.....	54
Imagem 11: Mural produzido na EMEI Retiro do Bosque de Aparecida de Goiânia.....	55
Imagem 12: Momento da visita dialogada na exposição “Vozes do Silêncio”.....	57
Imagem 13: Visita dialogada na exposição “Vozes do Silêncio”.....	60

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso é apresentado o histórico e funcionamento do Centro Cultural UFG enfatizando a importância do trabalho de uma equipe que se dedica especificamente às atividades de ação educativa neste espaço museal. Tendo como metodologia a pesquisa documental, bibliográfica e participante, o objetivo consistiu em analisar os processos e etapas realizadas pelo do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas, considerando a elaboração das mediações e ações educativas a serem realizadas em uma exposição realizada no ano de 2017 no espaço da galeria, a mostra “Vozes do Silêncio”. A dinâmica utilizada na aplicação da ação dando destaque para os valores sociais de forma que democratizasse a visita trouxe resultados positivos. Isso foi possível, principalmente, pela não rigidez do trabalho do mediador, o qual buscou sempre estabelecer o diálogo com o público. Logo, conclui-se que, tal forma de mediar visitas em instituições museais pode despertar mais a atenção de seus espectadores.

Palavras chaves: Educação; Centro Cultural UFG; Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas;

ABSTRACT

The intention of this report regarding the history and operation of the Cultural Center of UFG (Centro Cultural de UFG), is to analyse the processes and stages planned by the Center of Education (Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas) through methodologies such as: documentary, bibliography, and audience interaction. The objective is reached by studying the mediations and educative actions taken by the Center of Education at the exposition, “Voices of the Silence” (“Vozes do Silêncio”), made inside the Cultural Center’s gallery in 2017. The combination of applied education and social values has brought upon positive results. These results could only be achieved by the flexibility of the mediator based on his/her the dialog with the public. Therefore, these types of museum visits could attract more audience attention.

Keywords: Education; UFG Cultural Center; Nucleus and Exchange of Educational Action.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso analiso o processo educativo desenvolvido pelo Centro Cultural UFG (CCUFG), com intuito de entender se as metodologias adotadas pela equipe responsável pelo Setor de Intercâmbio e Ação Educativa atende os objetivos propostos, a temática da exposição e os públicos que a visitam.

O Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás situado na cidade de Goiânia (GO) é considerado um espaço museológico, que se enquadra no que é disposto pela Lei nº 11.904, de janeiro de 2009, a qual considera museus como:

As instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009).

A instituição passou por uma série de reformas e mudanças até chegar no formato que está hoje. Suas portas foram oficialmente abertas em dezembro de 2010. O idealizador desse projeto, professor Carlos Sena, criou uma identidade do local que o tornou conhecido como uma instituição multicultural, com acervo voltado para a arte contemporânea. A intenção desde sua criação foi que o espaço proporcionasse entretenimento, dedicando-se à educação.

O ano de inauguração do CCUFG foi o mesmo em que se comemorava os 50 anos da Universidade Federal de Goiás e a consolidação de um Centro Cultural simbolizou, segundo o reitor da época, professor Edward Madureira Brasil (2010)¹, a concretização de um projeto fruto de uma nova política cultural da Universidade. O intuito era que esse novo espaço pudesse influenciar a criação ou mesmo o aprimoramento dos espaços museais não só da UFG, mas da cidade de Goiânia de modo geral.

Com as mudanças de gestão e do modo operacional, o funcionamento do CCUFG foi reelaborado com a aprovação de um regimento a partir de 2016. Com a instituição do regimento, surgiu também o Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas, o qual dedica seu trabalho a promover atividades de caráter educacional e dinamizar a interatividade do espaço. A equipe formada atende as propostas educativas das exposições de acordo com as demandas que aparecem.

A partir desse contexto, a intenção deste estudo é investigar o processo educativo desenvolvido pelo Centro Cultural UFG e procurar compreender se a metodologia adotada

1 Informações acessadas no blog do CCUFG, Disponível em: <http://centroculturalufg.blogspot.com.br/>

pelo Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas contribui para o atendimento de todas essas demandas que surgem. O principal questionamento deste trabalho é: Até que ponto cada uma das etapas propostas com vistas a preparar o educador para atuar como mediador entre a exposição e o público contribui para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem? Para essa investigação, parte-se da hipótese de que, com a criação do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas houve um investimento maior com treinamento da equipe de educadores, por meio da adoção de alguns critérios que incentivassem o diálogo e a reflexão conjunta, possibilitando a construção de conhecimentos relacionados à arte contemporânea e promovendo um trabalho educativo profundo e expressivo.

A principal justificativa por este objeto de estudo partiu do meu interesse de melhor compreender a dinâmica das atividades educativas em espaços não formais, em especial nas instituições museológicas. A partir do momento em que entrei para a equipe do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas como estagiária, tive curiosidade em analisar minuciosamente quais eram os processos desenvolvidos por esse Núcleo e quais eram seus propósitos. Para atingir meu objetivo, fiz um recorte selecionando uma exposição realizada no segundo semestre de 2017, na qual participei de todo o processo de elaboração e execução das visitas e atividades educativas.

Iniciei a investigação dos processos de desenvolvimento do funcionamento do Centro Cultural UFG e de suas exposições, para assim entender como foi criado o Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas e como suas atividades são realizadas hoje. Para tanto, adotei como metodologia, a pesquisa documental. Segundo Marconi e Lakatos (2013), esse tipo de pesquisa tem por característica a coleta de dados restrita a documentos, escritos ou não, podendo ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois. Para complementar os dados coletados, foi feita a revisão da bibliografia com a intenção de explorar e comparar os as informações com os trabalhos e pesquisas de outros autores que tratam de assuntos semelhantes.

Além dessas formas de busca, investiguei os conteúdos estudados no presente trabalho por meio da pesquisa participante. Ou seja, é a participação efetiva do pesquisador com o grupo e situação analisada, permitindo maior envolvimento no processo. (MARCONI; LAKATOS, 2013) Como fiz parte da equipe do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas durante todo estudo de caso investigado, usei desta base metodológica. Por fim, o estudo de caso então, é justamente um método de investigação qualitativo no qual o pesquisador busca compreender seu objeto de pesquisa de forma mais extensiva. (CÉSAR, 2005)

Para tanto, este trabalho se organiza em três capítulos que foram divididos da seguinte

forma: O primeiro capítulo abordará o surgimento do Centro Cultural UFG e seu projeto arquitetônico de acordo com as funções atribuídas a cada um de seus espaços; o funcionamento da instituição quando era gerida por seu idealizador e primeiro diretor; e apresentação das primeiras exposições ocorridas nas galerias.

O segundo capítulo abordará as mudanças de gestão e a instalação do regimento no ano de 2016, que acarretou em várias alterações no funcionamento interno do Centro Cultural UFG; a criação do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas e as exposições que a partir deste momento contaram com o trabalho desta equipe; além de discorrer brevemente sobre o Núcleo de Programação de Artes Visuais, que está ligado diretamente ao Núcleo aqui estudado.

No terceiro capítulo foco no estudo de caso da exposição “Vozes do Silêncio”, com intenção de observar qual a metodologia adotada, etapas e preocupações do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas a fim de atingir os objetivos desejados nas atividades educativas feitas para a mostra. Sendo uma pesquisa participante, os dados foram coletados por meio dos relatos de experiência dos participantes da equipe e durante este processo foram feitos alguns cadernos de anotações com intenção de servir de apoio e de registro para os mesmos.

CAPÍTULO 1 CENTRO CULTURAL UFG: O início de um espaço multicultural

A proposta deste capítulo é apresentar e contextualizar o processo de constituição do Centro Cultural da UFG. A metodologia adotada consistiu na realização de pesquisa documental nos arquivos da referida instituição e no ciberespaço. Ressalto que os dados coletados para esse fim, foram encontrados de forma fragmentada e por meio de diversas fontes. Alguns deles foram recolhidos no antigo blog do Centro Cultural, mantido pelo primeiro diretor do local, professor Carlos Sena, outras informações foram coletadas por meio dos catálogos das exposições já realizadas no espaço. Também foram pesquisados o website da Instituição e da empresa ArchDaily, responsável pelo projeto arquitetônico do CCUFG. Outros recursos de pesquisa foram, o Trabalho de Conclusão de Curso “Aproximações entre arte e vida”, de Heloísio da Silva e Paul Cezanne Souza C. de Moraes (2013), além de informações coletadas in loco com servidores e colaboradores mais antigos do espaço.

O Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás (CCUFG) é um espaço criado intencionalmente para abrigar e acolher diversas atividades culturais, como exposições de artes visuais, performances, dança, teatro e música, proporcionando em um único espaço, uma diversidade de entretenimento e informações a seus visitantes.

Desde a sua criação, seus idealizadores propuseram implementar ali um centro artístico e cultural voltado à comunidade, daí o cuidado com a escolha do local e com a sua arquitetura, a qual foi projetada para abrigar duas galerias de arte, sala de dança e teatro. Esse projeto demorou alguns anos para se consolidar e se transformar no espaço que temos atualmente.

O Centro Cultural UFG está situado no conjunto da Praça Universitária, no setor Leste universitário, na cidade de Goiânia, Goiás e faz parte do conjunto Campus 1 da UFG. A praça se encontra em um local central da cidade, a 1000 metros do centro histórico de Goiânia, o que faz dela um local privilegiado e estratégico. Além disso, abriga grande parte da comunidade universitária, a qual frequenta as várias unidades da Universidade Federal de Goiás e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), fazendo dos universitários um grande público potencial do CCUFG.

De acordo com Iolene Mesquita Lobato (2010), tombada pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Goiás, esta praça foi construída com intuito de ser um grande polo de eventos culturais, artísticos, união e encontro estudantil, permanecendo sempre ativa e movimentada. Foi projetada na década de 1930 pelo arquiteto Atílio Corrêa Lima, sendo construída somente

no ano de 1969 pela Prefeitura Municipal de Goiânia. Em seu entorno, além das universidades já citadas estão: a biblioteca Marieta Teles Machado, um museu a céu aberto de esculturas, o Museu Antropológico da UFG, Museu da PUC e o CCUFG, formando assim um espaço multicultural e ponto de encontro para os estudantes que por ali transitam.

O local atual em que se encontra o Centro Cultural UFG era primeiramente um galpão onde funcionava uma oficina de manutenção de veículos e um depósito da própria Universidade. Tempos depois, a área foi cedida para abrigar provisoriamente um espaço artístico, passando a ser chamado de “Espaço Cultural da UFG”, também conhecido como "Galpão Cultural", utilizado por grupos artísticos para ensaios e pela comunidade acadêmica, onde eram realizados pequenos projetos dirigidos para a comunidade. Mas mesmo assim, não era aberto ao público geral.

Pensando que ali poderia realmente ser um ambiente cultural e um espaço aberto à sociedade de modo generalizado, o professor Carlos Sena Passos, da Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG) criou um projeto para readaptá-lo, tanto estruturalmente, como funcionalmente. Todo esse processo de mudança exigiu grande quantia financeira e se deu gradativamente durante cinco anos, fechando as portas do Espaço Cultural para reformas em 2004, até finalmente ficar pronto no ano de 2010. Era preciso então, pensar em um nome para esse local idealizado. Considerando as funções que lhe foram atribuídas, foi decidido por denominá-lo de Centro Cultural UFG.

Esse novo espaço foi vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFG (PROEC) e ficou sob a coordenação do seu idealizador, o professor e artista plástico Carlos Sena, até 2015, ano de seu falecimento. Sena, portanto, além de mentor desse local, foi o grande incentivador de projetos e mudanças no CCUFG. Em um “post” do blog mantido pelo professor, ele explicou esse processo de planejamento e execução do projeto:

Por meio de um processo de reconversão arquitetônica, o antigo galpão foi adaptado para possibilitar a instalação de um espaço cultural voltado às artes cênicas, artes plásticas e visuais, dança, música e oficinas experimentais de arte contemporânea voltada à comunidade em geral. (SENA, 2010).

A ideia inicial do projeto do CCUFG foi de que mesmo após as reformas, o local ainda se assemelhasse arquitetonicamente a um galpão, inclusive a parte externa, preservando a memória do espaço e, também remetendo sua aparência a um container, simbolizando a guarda da arte contemporânea. O projeto arquitetônico foi assinado por Fernando Simon, cujas características minimalistas e refinadas traziam aos ambientes funcionalidade e flexibilidade. Este projeto inclusive chegou a ser indicado ao Prêmio ABCEM 2010 de

Arquitetura, concedido pela Associação Brasileira da Construção Metálica.

O autor Gilson Fernandes (2012) aponta que na atualidade a arquitetura pensada para espaços culturais tende a ser marcante no espaço urbano, se caracterizando tanto pelo ponto de vista simbólico como pela sua funcionalidade. O prédio do CCUFG, enquanto espaço de cultura, foi justamente projetado para ser um ponto de evidencia em meio à praça universitária, atraindo o interesse das pessoas a conhecê-lo. A proposta de ter um conjunto plano em meio à praça, cria uma continuidade com a mesma e proporciona uma boa visibilidade tanto do prédio do Centro Cultural, como de quem está nele e observa a praça.

A frente do Centro Cultural é composta por um estacionamento lateral ao edifício, um grande pátio descoberto que dá acesso às duas entradas principais, um jardim que acompanha parte da calçada da rua e o próprio prédio de estrutura metálica. Este pátio foi projetado para sediar atividades, performances e até mesmo servir como uma expansão da sala de espetáculos, uma vez que existe uma porta na lateral deste teatro que dá acesso ao pátio, fazendo dele um local onde a cultura e a arte sejam realizadas em dinâmicas com ar livre e com a própria praça universitária.

O CCUFG possui 2801 m² de área construída, dividindo-se em três pavimentos: térreo, superior e técnico, sendo possível estruturalmente a sua ampliação por meio da construção de mais pavimentos. Para entender melhor a disposição interna e seu funcionamento, é necessário saber que de acordo com proposta institucional pós reforma, ele foi dividido em três setores principais, sendo eles, o setor administrativo, teatro e afins e a galeria de arte, contando também com toda parte de suporte técnico e ação educativa. Para melhor diferenciar e representar essas áreas, foram criadas identidades visuais específicas para cada uma, sendo identificadas pelas suas diferentes cores. Utilizando as cores primárias, a cor azul, é usada para representar o centro cultural de modo geral; a amarela, representa o teatro, dança e música; a cor vermelha é ligada a toda parte de artes visuais e ao Núcleo de intercâmbio e ações educativas.

As entradas para o prédio também foram divididas, em dois acessos principais, cada uma em um extremo do grande pátio. A entrada amarela dá acesso à portaria do Teatro e outros ambientes ligados aos espetáculos. A entrada vermelha, é a portaria da Galeria de Arte. Em ambas as portarias, encontra-se um balcão de informações aonde também são divulgadas outras ações que acontecerão, em forma de folder, catálogos, panfletos. Outro aspecto que foi mencionado por Heloísio e Paul Cezanne (2013, p.17), é que a recepção do CCUFG deve preferencialmente ser ocupada por mulheres, pois, segundo a experiência do primeiro diretor, Carlos Sena, “seguranças do sexo masculino não costumam passar tanta receptividade quanto

as mulheres”.

Começando pela entrada amarela, após passar pela da recepção, encontramos a sala de dança e a sala de espetáculos/teatro. Como o centro cultural foi todo projetado de acordo com sua proposta de uso, a sala de espetáculos não foi feita semelhante a um teatro tradicional. Diferente da maioria, o palco não tem elevação, se aproximando mais da plateia e permitindo maior interação entre os atores e o público ali presente. Além disso, o espaço do palco pode ser adaptado a várias situações artísticas, espetáculos de dança ou musicais. Outro aspecto desta sala são suas cores, sendo escolhida a cor preta para realçar a iluminação cênica, além de elementos prateados, harmonizando com a estrutura metálica externa.

Tanto a sala de dança, como o teatro podem ser adaptados e usados de acordo com o que for necessário, seja para performances teatrais, de dança, música, de artes, entre outras. Nestes ambientes, há um piso superior destinado para parte de suporte técnico. Na sala de espetáculos há um mezanino onde se encontra uma plateia alternativa, onde o público pode enxergar o espetáculo por outro ângulo. Existem também, nesse mesmo espaço, passarelas que dão acesso ao andar técnico, onde são feitas manutenções de iluminação cênica, dos equipamentos de som, da galeria de ar-condicionado, instalações hidráulicas, elétricas, telefônicas e prevenção de incêndio.

Passando essas duas salas, encontramos uma porta que separa esse espaço público do espaço técnico administrativo. Nesta área é onde fica a sala de administração, sala do diretor, copa, sala de matérias de limpeza, sala da museologia, reserva técnica e sala de apoio a exposição. A proposta da sala de apoio consistiu no fato de que ela fosse realmente um suporte para exposição que estivesse na galeria, servindo como entrada, saída e armazenamento provisório de obras, para guardar materiais de embalagem e para manutenção de trabalhos, por isso inclusive sua localização é bem ao lado da galeria de artes. Entretanto, atualmente tanto a sala de museologia quanto a de apoio, estão sendo utilizadas como uma espécie de reserva técnica por falta de espaço adequado para isso.

Depois deste setor, chega-se a entrada interna da Galeria, sendo a sua entrada principal pela portaria “vermelha”. Este espaço foi projetado originalmente para receber e construir uma identidade destinada a representar a arte contemporânea. Sua estrutura foi planejada para acolher obras de pequeno, médio e grande porte. É dividida em duas grandes salas, Galeria 1 e Galeria 2, com pé direito de 6 metros de altura, existindo entre estas, na parte superior, uma passarela que também pode ser utilizada como espaço expositivo, além de oferecer uma visão privilegiada das duas Galerias.

Assim como todos os espaços públicos do Centro Cultural, a galeria também possui

flexibilidade, podendo ser utilizado fisicamente de várias maneiras, na tentativa de aproveitar e desfrutar de sua grande área, fazendo com que a própria arquitetura cause um dinamismo entre o ambiente e o público.

No andar superior, continuando pela passarela, há uma sala cuja proposta do projeto inicial era ser uma cafeteria, livraria e sala de projeções, mas, atualmente, não é utilizada para nenhuma dessas funções, servindo apenas para guardar algumas obras e alguns outros materiais necessários para o uso cotidiano. Neste mesmo piso, há uma sala semelhante a um pequeno auditório, que atualmente se abriga o Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas. Em alguns casos, também é usada para sediar palestras, cursos, oficinas e mesas redondas.

Como é relatado por Fernandes (2012), este caráter do espaço museal, como um local multifacetado e versátil tanto do ponto de vista arquitetônico, como funcional, surgido para romper o conceito tradicional de museu, aparece visivelmente em espaços culturais alternativos e principalmente em espaços artísticos. Quando o museu ou qualquer local expositivo é construído com a intenção de abrigar e expor certa tipologia de acervo, a arquitetura é pensada paralelamente com intuito de refletir sua identidade.

Segundo relatos de Carlos Sena em seu blog, o caráter interativo do Centro Cultural UFG se dá pelo uso que os visitantes fazem do espaço e quando eles utilizam o que é oferecido pela instituição. Sena, diz que era possível ser criado ali, simultaneamente, um caráter cultural e educativo, gerado pelo contato mais próximo que se pode ter com as obras e espetáculos, por meio de mediações, intercâmbio com os artistas, palestras, cursos e rodas de conversas, criando portanto, vários âmbitos de acesso e interação com o público visitante.



Imagem 1: *Croqui de estudo 2 do Centro Cultural UFG*. ArchDaily Brasil, Helio Sperandio 2011.

Para dar continuidade, será apresentado o funcionamento do CCUFG antes de seu regimento, que foi instalado apenas no ano de 2016. O foco ficará em torno da Galeria do

Centro Cultural, não adentrando nos outros setores, uma vez que este trabalho visa estabelecer relações entre as ações educativas e a arte. Será feito também, um breve histórico de exposições da Galeria.

1.1 FUNCIONAMENTO INSTITUCIONAL

São responsabilidades do Centro Cultural para com o acervo artístico (hoje composto por obras de relevantes artistas nacionais) guardar, cuidar, exibir e ampliar. Mais do que isso, é sua responsabilidade assegurar que ele seja acessível ao público e aos pesquisadores, assim contribuindo para a construção da nossa memória visual e da História da Arte em Goiás. É com satisfação que inauguramos o Centro Cultural UFG, apresentando ao público um pouco do nosso patrimônio artístico, democratizando o acesso aos bens culturais com esta exposição composta por dezena de obras do Acervo UFG. (CENTRO CULTURAL 2011a, p.5).

O CCUFG foi inaugurado no mesmo ano em que se comemorava o cinquentenário da Universidade Federal de Goiás e sua abertura pode ser considerada mais uma das conquistas da UFG. Como dito acima pelo professor e reitor atuante na época, Edward Madureira Brasil, o Centro Cultural representava uma possibilidade maior para a Universidade entrar em contato com a cultura e com o patrimônio artístico, área que ainda era pouco explorada até aquele momento.

A abertura oficial do Centro Cultural UFG aconteceu no dia 9 de dezembro de 2010, às vinte horas, com a exposição “Arte Contemporânea no Acervo UFG”, na qual mostrava obras de 32 artistas contemporâneos do cenário regional e nacional. Para esta ocasião, foi feito um catálogo que apresenta um pouco do CCUFG e traz informações importantes sobre a sua proposta de funcionamento e seu acervo público.



Imagem 2 *Convite para abertura do CCUFG*. Blog Centro Cultural UFG 2010. Disponível em: <http://centroculturalufg.blogspot.com.br>.

Na época em que a Instituição foi inaugurada, apesar de já haver a divisão entre as áreas Administrativa, Teatro e Galeria, não havia um regimento vigente. Seu funcionamento era feito de acordo com o que era preestabelecido pelo seu diretor e equipe, sendo as exposições escolhidas pelo mesmo.

De acordo com o catálogo da mostra, no depoimento dado pelo diretor da instituição na época, Carlos Sena, esse novo espaço de caráter museal está "comprometido com a formação da memória coletiva por meio da organização e exibição de um acervo relacionado à produção de arte moderna e contemporânea, goiana e brasileira." (SENA In: CENTRO CULTURAL UFG, 2011a, p.9)

Observa-se então, que a ordem do espaço era planejada e colocada em prática mesmo sem a existência de um regimento. Porém, por se tratar de um espaço museal, a criação de documento físico que organizasse as funções estruturais da instituição de maneira mais concreta, era de fundamental importância, além de ser previsto na Seção II do Estatuto de Museus:

Do Regimento e das Áreas Básicas dos Museus

Art. 18. As entidades públicas e privadas de que dependam os museus deverão definir claramente seu enquadramento orgânico e aprovar o respectivo regimento.

Art. 19. Todo museu deverá dispor de instalações adequadas ao cumprimento das funções necessárias, bem como ao bem-estar dos usuários e funcionários.

Art. 20. Compete à direção dos museus assegurar o seu bom funcionamento, o cumprimento do plano museológico por meio de funções especializadas, bem como planejar e coordenar a execução do plano anual de atividades. (BRASIL, 2009).

Pensando que se tratava de uma instituição nova, que estava iniciando seu trabalho, mesmo sem a presença de um regimento a organização funcional do local era bem-sucedida. Segundo relatos de Carlos Sena nos primeiros catálogos de exposições do CCUFG, havia uma preocupação muito grande de sua parte em administrar aquele espaço de forma que funcionasse em devidas condições para agradar os funcionários e o público, seguindo assim o Art.19 do estatuto.

Em relação ao Art. 20, apesar de haver um setor de museologia, nesta época não havia um funcionário formado na área para trabalhar especificamente com isso, ficando um pouco defasada a parte de documentação e serviços mais específicos. Consequentemente, outro documento não existente era o plano museológico, o qual poderia ter auxiliado funcionários, mesmo de outras áreas, a trabalhar neste setor, pois:

O Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade. (BRASIL, 2009, Estatuto de Museus, Art. 45).

Passando para o acervo do Centro Cultural, sua composição inicial é originária do próprio acervo da UFG, constituído por coleções adquiridas por meio de doações de artistas para a atual Faculdade de Artes Visuais (FAV), antigo Instituto de Artes da UFG. São, em um total de sete coleções, sendo elas: Coleção do antigo Instituto de Artes da UFG; Coleção da FAV/UFG; Coleção Gravura Goiana dos anos 60 a 90; Coleção Galeria da FAV; Coleção Hodienos – arte contemporânea goiana e brasileira dos anos 90 a 2000; Coleção Gravuras do Modernismo Brasileiro, doada pelo Banco central e a Coleção da Reitoria. O acervo inicial era composto por duzentas e vinte e duas obras, sendo elas desenhos, pinturas, gravuras, objetos, esculturas, instalações e vídeo- arte.

Como já foi dito, o CCUFG, desde o projeto arquitetônico até a reforma do espaço, foi planejado para acolher e apresentar adequadamente o patrimônio artístico que agora lhe pertence. Com o aumento do acervo e a necessidade de armazenamento adequado das peças, o uso do espaço precisava ser repensado de forma que o acervo continuasse a crescer, não só em quantidade, mas também ampliando a sua disponibilização a pesquisadores, o que o fortaleceria historicamente e qualitativamente. Desta forma ele serviria como um rico instrumento de pesquisa e legado para o estado de Goiás.

Atualmente as instituições museológicas estão cada vez mais conscientes da importância da preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural, valorizando assim seus acervos. É essencial para isso, pensar na segurança da obra, no seu armazenamento mais adequado, condições ambientais, nas medidas preventivas contra danos nos objetos, para sempre mantê-lo em condições de se expor e pesquisar. Desta forma, a instituição o torna democrático, podendo ser socialmente usufruído e amplamente protegido. (TEIXEIRA; GHIZONI, 2012)

De acordo com informações no catálogo da exposição Arquipélago (2013), preocupando-se justamente com a reserva técnica, no ano de 2012 foram adquiridos mobiliários adequados para guardar as diferentes tipologias de obra, como por exemplo, traineis propícios para guardar quadros, esteiras e plataformas deslizantes, estes todos sendo instalados na sala da reserva técnica. Além desses suportes, com auxílio do edital do Fundo Nacional de Cultura do MinC iniciou-se o processo de climatização de todo espaço físico. Entretanto, sua instalação foi feita somente nas salas mais utilizadas pelo público e funcionários, não atingindo as reservas e as Galerias. Foram instalados aparelhamentos tecnológicos e instrumentos de trabalho para os setores de exposição, conservação e para a produção de eventos de todo o Núcleo de Programação de Artes Visuais e ainda, foi introduzido um laboratório de restauração de papel.

Esse investimento e a intenção de crescimento do acervo possibilitaram novas parcerias com outras instituições como o CNI/SESI, Itaú Cultural e Cia Bozano, além de começar cada vez mais a buscar formas de subsídio para aquisição de novas obras, como ocorreu no “Salão de Arte Contemporânea do Centro-Oeste” e no “Prêmio Funarte Marcantonio Vilaça” edição 2012. Atentos a esta ampliação, houve algumas doações espontâneas, como foi o caso da família do modernista goiano D.J. Oliveira que doou centenas de obras em papel para o CCUFG, enriquecendo cada vez mais este acervo.

Também em 2012, o Centro Cultural UFG recebeu a doação de vinte e cinco gravuras de importantes artistas contemporâneos. Essas obras vieram de um projeto educativo

desenvolvido pela Cia BOZANO, o qual teve como objetivo justamente fazer doações das gravuras expostas na ECO ART ² para museus de todo o Brasil, sendo o CCUFG prestigiado por meio da indicação do crítico de arte Paulo Herkenhoff, simpatizante da cultura goiana e de seus artistas.

Desde sua inauguração, portanto, o Centro Cultural foi pensado e projetado para oferecer à cidade de Goiânia atividades de entretenimento e cultura para o público visitante. Além disso, oferecer um ambiente propício para se trabalhar com as múltiplas áreas e, mais do que isso, conseguir com que todas elas estabeleçam elos umas com as outras por meio da interdisciplinaridade, como a área da museologia, conservação, restauração, história da arte, arte-educação.

Um fato importante para ser destacado nesta primeira fase do CCUFG, antes do regimento interno entrar em vigor, é que havia uma grande intenção em não só proteger o acervo, mas também mostrá-lo para o público, sendo grande parte das exposições desta época advindas do próprio acervo institucional, apresentando à comunidade algumas das obras que estão sobre guarda em seu território e faz parte de sua herança.

1.2 HISTÓRICO DE EXPOSIÇÕES NA GALERIA CCUFG

A primeira exposição realizada no Centro Cultural, “Arte Contemporânea no Acervo UFG”, iniciou no dia de sua inauguração, 09 de dezembro de 2010, encerrando no dia 28 de janeiro de 2011. Entre os trinta e dois artistas que apresentavam seus trabalhos na mostra, estavam importantes nomes do estado de Goiás, como Siron Franco, Ana Maria Pacheco, Marcelo Solá, Luiz Mauro, Divino Sobral, Selma Parreira, Zé César, entre outros, constando ao todo dezenove pessoas do estado de Goiás. Como dito no catálogo (2011a), a escolha das obras para compor a primeira exposição do CCUFG deu-se, principalmente, para evidenciar a produção de arte contemporânea desenvolvida no Estado a partir dos anos 90, dialogando também com artistas de outros lugares e países, além dos que circularam no circuito de arte goianiense por meio de salões e exposições. A mostra tinha como propósito apresentar essa produção e estimular seus visitantes a refletir diante das obras e sobre essa tipologia de arte.

A montagem da exposição tenta estabelecer conversas entre as obras que se avizinham para revelar as questões que surgem neste panorama artístico. Essas conversas são feitas ora pela poética ora pela linguagem. Não há

2 A ECO ART foi uma exposição realizada no Rio de Janeiro a qual reuniu 120 artistas das Américas e resultou na publicação de catálogo, na formação de um acervo e na edição de um álbum de 25 gravuras, a partir das pinturas. Organizada por Júlio Bozano, presidente do Banco Bozano Simonsen, por ocasião da RIO 92 - II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento.

tentativa de se definir núcleos ou setores, mas sim de alinhar os possíveis significados contidos nas obras. Em uma mesma sala convivem e dialogam as individualidades, e nesta aproximação forma-se uma proposição coletiva que mostra os sentidos e as tendências da arte hodierna. (SENA In: CENTRO CULTURAL UFG, 2011a, p. 10).

Após finalizada esta mostra, em 24 de fevereiro de 2011 iniciou-se na galeria o prêmio CNI SESI Marcantonio Vilaça – Artes plásticas 2009/10. O galerista Marcantonio, falecido no ano 2000 com apenas trinta e sete anos, foi um importante difusor da arte contemporânea brasileira, abrindo novos caminhos e possibilitando que a produção nacional fosse para além das fronteiras do país. Esta premiação em sua homenagem, destaca a produção de nossos artistas diante deste tipo de arte. Nesta terceira edição do prêmio, foram apresentadas obras de cinco artistas, ressaltando as inquietações da arte contemporânea brasileira. Sendo esses: Armando Queiroz, Eduardo Berliner, Henrique Oliveira, Rosana Ricalde e Yuri Firmeza.

De acordo com o que é relatado por Carlos Senna em seu blog, o fato do Centro Cultural receber esta premiação reafirma o poder que este local tem no sentido de promover o diálogo com a arte brasileira, de atualizar as questões artísticas, de formar público para a produção de arte contemporânea, além de democratizar o acesso aos bens culturais.

Logo em seguida, iniciou-se o 1º Salão de Arte Contemporânea do Centro-Oeste, realizado de 28 de abril à 17 de junho de 2011. O Salão exibiu as diversidades artísticas desenvolvidas nos três estados que compõem a região e o Distrito Federal, destacando os diferentes suportes, linguagens, poéticas e repertórios desenvolvidos por cada local. A ideia de realizar este Salão surgiu diante da seguinte pergunta: “Quais as caras da arte contemporânea realizada no Centro-Oeste?”

No Distrito Federal, apesar dos muitos caminhos existentes, destacam-se tanto a experimentação dos recursos tecnológicos, como o vídeo, quanto o investimento nas linguagens tradicionais do desenho e da pintura. Em Mato Grosso a linguagem dominante é a pintura que prossegue em criações que remetem à exuberância da natureza e da cor local. Em Mato Grosso do Sul, sem uma identidade tão marcada, a produção busca estruturar seu campo de trabalho incorporando influências externas e buscando suportes e linguagens mais atuais. (SENA, In: CENTRO CULTURAL UFG, 2011b).

Para representar essa diversidade de propostas foram selecionados vinte artistas entre duzentos e setenta e sete propostas, os quais suas carreiras foram iniciadas por volta dos anos 80, 90 e 2000. Diante do número de inscritos para o salão ficou perceptível a amplitude da produção artística regional. Prestigiá-los e dar oportunidade para mostrarem seus trabalhos em um espaço adequado para receber essa produção, foi e continua sendo, uma forma de

incentivar que essa produção permaneça atuando fortemente no cenário nacional.

Além dos vinte selecionados para compor esta exposição, mais quatro artistas foram homenageados pela importância de sua contribuição e carreira artística, sendo parte da construção histórica da arte no Centro-Oeste, são eles: Humberto Espíndola, do Mato Grosso do Sul; Adir Sodré, do Mato Grosso; Edney Antunes, de Goiás e, Elder Rocha, do Distrito Federal. Com o fim da mostra, as obras dos homenageados passaram a compor o acervo do Centro Cultural, significando um importante enriquecimento, já que complementaram o acervo com produções de artistas que ainda não haviam sido representados no conjunto de obras armazenadas no CCUFG.

Em maio de 2011, O Centro Cultural UFG recebeu o “Ciclo de palestras rumos artes visuais - Itaú Cultural 2011/2013”, um projeto realizado pelo Itaú Cultural, voltado especialmente para arte contemporânea e com objetivo de ampliar o conhecimento sobre essa área não só para artistas, professores de arte, críticos, mas também para o público geral. Mais do que isso, o evento tinha como objetivo divulgar a produção de novos artistas potenciais no país e proporcionar bolsa de estudos e aprimoramento em suas formações. Apesar de ser uma atividade da Galeria de Artes Visuais, o evento foi realizado no espaço do Teatro, onde comportava mais adequadamente o público para as palestras planejadas.

Com o tema “Um convite à viagem”, a palestra aconteceu no dia 25 de maio de 2011, com a participação do coordenador geral do "Rumos Visuais" Agnaldo Farias, o Curador Regional Paulo Miyada, além de ter o crítico de arte Fernando Oliva como mediador.

Depois de um período sem exposições, em maio de 2013 iniciou-se uma temporada de eventos, na qual ocorreram duas exposições simultaneamente e um ciclo de palestras. Em 16 de maio de 2013, iniciou em uma sala da galeria a mostra "Arquipélago: Arte Contemporânea brasileira no Acervo do CCUFG" e na outra, a exposição "Estação Videoarte". Ambas tiveram o mesmo tempo de duração, finalizando no dia 19 de julho de 2013.

"Arquipélago: Arte Contemporânea Brasileira" traz um conjunto de vinte e quatro obras somente de artistas brasileiros que estão no acervo do CCUFG. Como este é composto por doações variadas, suas obras são de diversas origens, gêneros, suportes, categorias, poéticas e épocas distintas. Foram nesta mostra reunidas para representar a multiplicidade artística contemporânea que há no Brasil. Carlos Sena, curador da exposição, relata que a ideia da mostra partiu da observação do acervo durante o trabalho diário, notando o seu formato, suas diferenças e semelhanças, além de notar como a arte brasileira estava presente ali.

Notei que cada obra era como uma ilha, mas que na sua solidão possuía algo em comum com outra obra, e, assim formou-se a imagem do arquipélago como um título para esta exposição, que tem por finalidade despertar no público o prazer de encontrar semelhanças possíveis e de descobrir ludicamente afinidades entre obras repletas de diferenças. (SENA, In: CENTRO CULTURAL UFG 2013, p.8).

Foram então, expostos na mesma sala: pinturas, instalações, fotografias, desenhos esculturas, arte sonora, com intenção justamente de criar um ambiente misto e curioso. A proposta era apresentar para o público, diversas “ilhas” a serem exploradas, descobrindo suas linguagens, poéticas, contextos, a particularidade de cada uma delas e desvendar as diferentes semelhanças que as conectam. Como é dito por Sena (2013) no catálogo: “Tudo aqui foi feito para mostrar as semelhanças nas diferenças e as diferenças nas semelhanças”.



Imagem 3 *Exposição Arquipélago*. Blog Centro Cultural UFG 2013. Disponível em: <http://centroculturalufg.blogspot.com.br>.

Essas obras apresentadas, entraram para o conjunto do acervo entre 2011 à 2013, sendo de autoria de vinte artistas importantes no nosso cenário atual, como por exemplo, Siron Franco, Elder Rocha, Beatriz Milhazes, Tomie Ohtake, Marcelo Solá, Carlos Vergara, Flávio Shiró, Rosana Ricalde, entre outros.

A outra exposição paralela, Estação Videoarte, apresentou uma proposta bem diferente de Arquipélago, até em seu formato. Esta mostra teve por objetivo difundir, incentivar a produção e formação de novos artistas que desenvolvem suas propostas por meio da videoarte, usando como base o recurso do vídeo.

Como relatado no folder da exposição (2013), a tipologia de videoarte tem se

destacado cada vez mais no cenário artístico, inclusive pelo contexto em que vivemos hoje, onde os meios tecnológicos estão em destaque, gerando inclusive mais capital e acessando mais pessoas. Um dos motivos desta forma de arte estar cada vez mais se destacando, se dá justamente pelo desenvolvimento e uso crescente dos recursos midiáticos, uma prática que vem sendo desenvolvida desde os anos 70, evoluindo e ficando mais evidente no mercado com o aprimoramento e popularização das tecnologias. Com a videoarte, o artista pode expressar mais detalhadamente suas poéticas, conteúdos.

Visando promover um intercâmbio inter-regional definido pelo Edital “Rede Nacional Funarte de Artes Visuais 9ª Edição”, o projeto “Estação Videoarte” veio a Goiânia a fim de espalhar por aqui essa modalidade de arte e educar por meio dela. Com projeto, curadoria e expografia de Divino Sobral e ação educativa realizada por Carlos Sena, a mostra se concentrou nas obras de dois artistas paraenses, Alberto Bitar e Armando Queiroz, sendo composta por quatro vídeos de cada um, num total de oito obras apresentadas tanto em monitores de televisões, quanto em forma de projeções, datados entre 2005 e 2012.

Segundo o folder de apresentação da exposição, para os artistas, suas obras “[...]se estruturam na superfície de contato entre as suas subjetividades e a realidade do espaço em que vivem.”(CENTRO CULTURAL UFG, 2013). Para além disso, como forma educativa, ocorreram palestras com os artistas, Alberto e Armando; leitura de portfólios de produtores goianos; workshop para debater conceitos e procedimentos técnicos da videoarte; além da visita guiada à exposição, conduzida pelo curador.

O ciclo de palestras “Xeque-Mate: um século do ready-made”, realizado no também no ano de 2013, deu continuidade a essa temporada de eventos. Foram realizadas um total de seis palestras em comemoração ao centenário de criação do ready-made³ pelo artista francês Marcel Duchamp (1887-1968), com o intuito de discutir, refletir, criticar e revisar temas que circulam e dialogam com o singular estilo de arte de Duchamp e, conseqüentemente, sua contribuição e influência na produção de artistas contemporâneos que trabalham no campo da apropriação de objetos, imagens e mensagens prontas.

Para ministrar as palestras foram convidados importantes profissionais ligados a área da arte contemporânea, com atuações diversas como, críticos, historiadores, curadores e artistas, formando assim um grupo bem diversificado, gerando diferentes debates e expondo abordagens distintas sobre o tema. São eles, Tadeu Chiarelli, Gê Orthof, Moacir dos Anjos,

3 O termo *ready-made* se constitui na negação da obra de arte segundo as categorias tradicionais e na sua substituição pelo produto industrial. O primeiro *ready-made* criado por Duchamp foi a *Roda de Bicicleta* (1913) que sucedeu do acoplamento de objetos com funções opostas: uma roda de bicicleta encaixada sobre um banco de madeira.

Yiftah Peled, Carlos Sena e Felipe Scovino. As palestras ocorreram do dia 02 a 18 de Julho de 2013.

Em 13 de novembro do ano de 2014 foi inaugurada a exposição “Adensamento e expansão: arte contemporânea acervo CCUFG”. Essa mostra permaneceu em cartaz até o dia 20 de dezembro de 2014, fechou para um período de férias, reabrindo entre os dias 10 e 31 de março de 2015.

A ideia de “Adensamento e expansão” era mostrar aos visitantes um conjunto de obras que foram incorporadas nesta mesma época, portanto recentes no acervo, justamente com a finalidade de apresentar mais uma vez a população goiana, o que a ela representa no contexto nacional. Além disso, a intenção era que o público soubesse justamente o adensamento e expansão que se promovia internamente nesse acervo e a dedicação com que o mesmo é trabalhado pela instituição.

A mostra se constituiu na apresentação de 54 obras de artistas provenientes de capitais importantes no cenário das artes, apresentando pinturas, desenhos, fotografias, objetos, esculturas, instalações, colagens, entre outras. Os dezenove artistas participantes são, Angelo Venosa (RJ), Almandrade (BA), Camila Soato (DF/SP), Carpio de Moraes (DF), Chantal duPont (Montreal, Canadá), Cristina Canale (Berlim, Alemanha), Daniel Senise (RJ), Eliane Prolik (PR), Enauro de Castro (GO), Fernando Costa Filho (GO), Gê Orthof (DF), Jaime Bennati (Westerville, EUA), Leda Catunda (SP), Marina Boaventura (TO), Raquel Nava (DF), Rodrigo Godá (GO), Ruslán Torres (Habana, Cuba), Valéria Pena-Costa (DF), Virgílio Neto (DF); e dos coletivos Corpos Informáticos (DF) e Grupo Empreza (GO).

Segundo consta no catálogo de "Adensamento e expansão" (2014), o conceito de “adensamento” é proveniente da presença de importantes artistas da arte contemporânea brasileira e internacional recebidos pela primeira vez em Goiânia, marcando um momento de grande importância para o cenário histórico e cultural da cidade, colaborando inclusive, para impulsionar a produção de arte local e em todo Estado.

O conceito de “expansão” veio justamente do número de peças no acervo que cresceu consideravelmente, de forma quantitativa e qualitativa, após a incorporação das obras expostas nesta mostra e em outras. Como é dito por Sena no catálogo (2014), a intenção é que o acervo seja capaz de representar diferentes fases poéticas e linguagens dos artistas, preencher lacunas históricas, ampliar repertórios e categorias artísticas, além de salvaguardar obras de artistas de goias, outras regiões do país e de fora do Brasil.

Tempos após essa exposição, em 16 de maio de 2015, o diretor do CCUFG, professor Carlos Sena Passos, veio a falecer. Com esse acontecido a diretoria do espaço passou provisoriamente a ficar sobre os cuidados da Pró-Reitora de Extensão e Cultura da época, professora Flávia Cruvinel, que continuou a seguir a linha de trabalho da Instituição.

Como reflexo do trabalho feito no Centro Cultural UFG nesta primeira fase de funcionamento, o crescimento acelerado de seu acervo e a realização de exposições de prestígio, a Instituição foi cada vez mais ganhando visibilidade e alcançando cenários além do estado de Goiás. Na mostra “Triangulações”, última exposição feita antes de entrar em vigor o novo regimento, Goiânia foi umas das cidades escolhidas para compor um triângulo de diálogos artísticos, junto com Salvador e Fortaleza.

Esse projeto iniciou-se em Salvador no ano de 2013, por iniciativa das artistas Eneida Sanches e Marília Panitz, as quais pensaram em fazer com que outras cidades fora do eixo Rio-São Paulo, participassem intensamente do circuito de arte, mostrando e discutindo sobre suas produções de arte contemporânea. Desta forma, estas exposições foram itinerantes, sendo apresentadas em espaços expositivos em cada uma das três cidades escolhidas.

Nesta edição de 2015, com o tema “Registros Circunstanciais: Intervenções, Fabulações e Apagamentos”, foram apresentadas 45 obras, sob coordenação geral de Eneida e curadoria geral de Marília, além de ficar sobre os cuidados de Divino Sobral no CCUFG .

Os três eixos da exposição, simbolizam cada um, uma forma diferente de significar a obra. As referências a intervenções, significam o ato de intervir para deixar sua marca; As fabulações, tratam-se de obras que vão para o universo imaginário e trazem assim uma moral para sua história; Os apagamentos, são obras que recuperam a memória e esquecimentos, dando ênfase ao passado.

Esta mostra “Triangulações” foi última exposição realizada na gestão de Carlos Sena, marcando o fim dessa era do CCUFG. A partir de 2016, passou-se a seguir um regimento interno que dava as diretrizes, normativas e estruturas de funcionamento. Essa nova dinâmica e as modificações causadas serão apresentadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 NOVAS POSSIBILIDADES: Formação do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas.

No dia 22 de janeiro de 2016 entrou em vigor o novo regimento,⁴ o qual instituiu mudanças nas divisões de equipe e na criação de coordenações por áreas. A alteração principal foi a entrada do novo diretor Kleber Damaso, professor da Escola de Música e Artes da UFG (EMAC) e também, a formação das novas coordenações: Coordenação de Artes Visuais, com Samuel José Gilbert de Jesus; Coordenação de Música, Dança e Artes Cênicas, com Alexandre Donizete Ferreira; Coordenação de Intercâmbio e Ações Educativas, com Carla de Abreu.

Além das coordenações, o CCUFG conta com um Conselho Consultivo, formado por membros internos e externos à UFG. Muitos deles são professores da universidade ligados à área de artes, outros participantes são artistas do circuito goiano ou mesmo especialistas do meio. A sua função consiste em auxiliar os funcionários do espaço sempre que esse apoio seja solicitado e, dessa forma, contribuem para a manutenção e o bom funcionamento do local.

Neste novo documento, foi estabelecido formalmente sobre o funcionamento da instituição, que segundo o parágrafo único do regimento, o Centro Cultural UFG caracteriza-se:

[...] pela natureza cultural, desenvolvendo ações artísticas, educacionais, técnicas e científicas para o fortalecimento e a preservação da memória, da comunicação e da encenação dos processos criativos/expressivos mediante seu acervo e as suas respectivas atividades, adotando como sigla CCUFG. (SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2016).

Desta forma, pensando na desenvoltura ideal dessas atividades educacionais, foi criado oficialmente o Núcleo de Intercambio e Ações Educativas. Lembrando, que antes do regimento não havia um departamento concreto para realizar esse trabalho no espaço da Galeria. Essas atividades eram desenvolvidas por servidores e estagiários que se disponibilizavam e elaboravam diversos tipos de ações.

Abordo então neste capítulo, o desenvolvimento e as atividades realizadas por esse setor, com a finalidade de analisar a importância da instauração de um núcleo específico para desenvolver atividades educacionais. Será apresentado brevemente o Núcleo de Programação

4 O documento pode ser encontrado no site do CCUFG. Disponível em: https://centrocultural.ufg.br/up/875/o/REGIMENTO_DO_CCUFG.pdf

de Artes Visuais, pois ele está muito ligado ao princípio do trabalho que desenvolve o setor educativo. Para isso, recorri aos catálogos das exposições como fonte de pesquisa e à bibliografia, que possibilitou o contato com autores que já discutiram essa temática.

Como relatado por Denise Grinspum (2000), desde que o museu deixou de ser somente de cunho particular, tornando-se também público, no séc. XVIII, sua função social tem sido motivo para justificar sua existência. Dessa forma, os trabalhos envolvendo a comunidade dentro de instituições desse caráter têm sido cada vez mais pesquisados e aplicados.

Esses espaços, com o passar do tempo, acabaram sendo caracterizados como locais que possuem uma maneira própria de desenvolver sua dimensão educativa. São identificados por sua educação não formal, a qual se diferencia das formas de educação formal aplicada na escola e das experiências informais que temos na educação familiar e no convívio social. (MARANDINO, 2008)

Segundo Smith (1996 apud MARANDINO 2008) a educação não-formal tornou-se parte do discurso internacional em políticas educacionais no final dos anos 1960, sendo que naquela época esse tipo de educação era destinado as necessidades de grupos em desvantagens, tendo propósitos claramente definidos e flexibilidade de organização e de métodos. Em 1973, Combs, Prosser e Ahmed, definiram o conceito das três categorias de ensino, formal, não formal e informal, dizendo que educação não formal é: qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem (COMBS; PROSSER; AHMED, 1973 apud MARANDINO 2008)

O trabalho social feito dentro das instituições museológicas utilizando da educação não formal como ferramenta, ficou conhecido pela denominação de ação educativa. Esta por sua vez, ganhou ao longo do tempo uma variada e extensa significação. O intuito no presente trabalho, não é discutir qual o conceito mais correto e com maior veracidade. Será considerado então, que a ação educativa pode ser reconhecida como um dos:

elementos fundamentais no processo de comunicação que, juntamente com a preservação e a investigação, formam o pilar de sustentação de todo museu, qualquer que seja sua tipologia. Entendidas como formas de mediação entre o sujeito e o bem cultural, as ações educativas facilitam sua apreensão pelo público, gerando respeito e valorização pelo patrimônio cultural”. (DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGENS MUSEOLOGICAS apud OLIVEIRA et al, 2010, p.8).

O potencial educacional que as instituições de caráter museal possuem, vem sendo cada vez mais utilizado e várias ações têm sido planejadas. Cada instituição pode executar essas atividades de variadas formas, atendendo a dinâmica de funcionamento do espaço, entretanto, é importante que seja adotada uma política educacional conectada ao seu plano diretor e que oriente o desenvolvimento das diretrizes do trabalho, organizando-o e qualificando-o. (MUSEUMS & GALLERIES COMMISSION, 2001 apud FIGUERELLI 2011, p.118)

No caso do Centro Cultural UFG, analisando novamente o regimento (2016), no capítulo VI, Art. 11, são apresentados justamente tópicos que auxiliam e devem ser realizados pelo coordenador de Intercâmbio e Ações Educativas. Em sua maioria, indicam ao responsável desenvolver atividades de forma pedagógica, pensando em seu público-alvo, para que este tenha um melhor aproveitamento da potencialidade educacional das obras do acervo, como das exposições de forma geral.

Art. 11. Ao Coordenador de Intercâmbio e Ações Educativas compete:

I - coordenar todas as atividades de ações educativas realizadas no Centro Cultural UFG;

II - gerir todos os profissionais ligados às ações educativas, coordenando as reuniões de planejamento, produção, avaliação e distribuição de tarefas;

III - desenvolver atividades pedagógicas visando o melhor aproveitamento da potencialidade educacional das obras do acervo, bem como das exposições e/ou espetáculos realizados;

IV - identificar e contatar o público alvo, objeto das atividades educativas, desenvolvendo técnicas de divulgação específicas para esta clientela;

V - planejar, executar e avaliar as atividades vinculadas ao ensino formal e não formal de arte, inclusive em cooperação com outras instituições;

VI - articular escolas e parceiros para as atividades de ações educativas junto às programações das Coordenações de Programação de Artes Visuais e de Programação de Música e Artes Cênicas;

VII - promover periodicamente a avaliação das atividades específicas desenvolvidas na área;

VIII -elaborar o planejamento anual das ações educativas em conjunto com as Coordenações de Programação de Artes Visuais e de Programação de Música e Artes Cênicas;

IX - organizar e manter biblioteca especializada, documentação e arquivo;

X - promover a edição de impressos, livros ou folhetos sobre Artes Visuais, Musicais e Cênicas, bem como publicações e material de difusão científica, cultural e educacional;

XI - apresentar ao Conselho Consultivo juntamente com o Diretor e os Coordenadores de Programação de Artes Visuais e de Programação de Música e Artes Cênicas, o plano de trabalho das atividades a serem realizadas;

XII - zelar pela preservação do patrimônio e de todos os bens que envolvem a Coordenação de Música e Artes Cênicas, bem como pelo seu nome e prestígio;

XIII -exercer outras atribuições, dentro de sua área de atuação, que lhe forem conferidas pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e pelo Diretor. (SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2016).

Pensando nesses tópicos, o novo Núcleo gerido pela professora da FAV/UFG, Carla de Abreu, desenvolveu seus métodos de funcionamento, adotando como missão “Colaborar para que nosso(a) visitante possa elaborar conteúdos críticos que ajudem a criar novos sentidos e narrativas sobre o que se vê, por meio do diálogo e troca de experiências.” (NÚCLEO DE INTERCÂMBIO E AÇÕES EDUCATIVAS, 2016, p.7)

De acordo com o relatório do 2º semestre de 2016, as atividades realizadas pelo Núcleo visam mais do que tentar transmitir informações e conhecimento sobre as obras e artistas, pois têm ainda como intuito, provocar reflexões e instigar o visitante a descobrir novos conhecimentos, dialogar e trocar suas percepções com os mediadores, fazendo assim, com que o aprendizado seja uma via de mão dupla.

O conceito de mediação cultural do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG pretende estimular o olhar crítico, incentivar o diálogo e a reflexão conjunta, usando como suporte a arte contemporânea para a construção de novos conhecimentos que possam gerar deslocamentos ou novas significações. Portanto, o Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas entende a mediação cultural como locais de escuta, trocas de experiências e afetos para o desenvolvimento de suas ações, visando à realização de um trabalho educativo profundo e expressivo. (NÚCLEO DE INTERCÂMBIO E AÇÕES EDUCATIVAS, 2016, p.11).

Realizar ações no sentido de promover o diálogo permite com que o indivíduo se sinta parte do processo, estimulando até sua autoconfiança, respeito de seus saberes e experiências de vida, igualando as vozes e evitando qualquer possibilidade de dominação por meio das relações de poder. Desta forma, há uma maior abertura e intimidade entre os envolvidos, criando a oportunidade para o questionamento, para a reflexão e debate. Conseqüentemente, as instituições que adotam atividades baseadas na educação dialógica, marcadas pela construção coletiva de conhecimento, dão privilegio ao desenvolvimento dos indivíduos envolvidos no processo. (FIGUERELLI, 2011 p.123)

Outro fator de suma importância, é a disseminação da ideia educacional definida pelo Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG para todos outros setores institucionais. Como refletido por Figuerelli (2011, p.118/119), fazendo isso, a coesão entre as

diferentes atividades é estimulada, a fim de tentar construir um local que funcione equilibradamente. Todos os funcionários estando sensibilizados quanto à importância social de seu trabalho, facilita por consequência, que essas atividades sejam apoiadas e encaradas com seriedade.

O primeiro trabalho de ação educativa em exposição realizado pelo Núcleo foi feito na mostra “Diálogos Possíveis 3”. Inaugurada em 01 de junho de 2016, com curadoria do artista goiano e conselheiro do CCUFG, Divino Sobral, o qual na verdade deu continuidade a um trabalho que já havia sido iniciado por Carlos Sena. Alguns meses antes de seu falecimento, ele havia estruturado a curadoria desta exposição, que foi uma nova edição de duas mostras realizadas na Galeria da FAV, em 2002 e 2004.

Segundo o texto curatorial da mostra (2016), nas duas primeiras edições, a intenção de Sena era criar diálogos entre as obras de alunos e professores advindos da Faculdade de Artes Visuais da UFG, mostrando a troca de experiência entre eles, as contaminações que são criadas, a influência cultural, tudo isso resultante da experiência da formação acadêmica. Já nessa nova edição, pensou-se em reconfigurar esta ideia de se limitar ao campo acadêmico, fazendo com que essa terceira montagem fosse aberta para além da academia, selecionando algumas obras que fazem parte do acervo, convidando artistas a fazerem doações ao acervo. Dessa forma, a exposição contemplou os desejos e preocupações de Sena, que sempre buscou ampliar e melhorar a qualidade do acervo, tornando-o representativo no cenário nacional de arte contemporânea.

Nessa direção, “Diálogos Possíveis 3” reuniu artistas da FAV, professores, ex-alunos, recebeu artistas nacionais e locais, artistas jovens e artistas já consagrados, alguns até sem qualquer vínculo com a academia. A partir disso, os “diálogos” criados foram ligados aos conceitos, poéticas e aspectos característicos das obras, não se delimitando as relações institucionais, geracionais, geográficas, nem as hierarquias ou categorias.

A primeira galeria expôs trabalhos de pintura, desenho, gravura, escultura, objeto, instalação, fotografia e vídeo instalação, que fazem comunicação entre si. Já na segunda sala, a fotografia apareceu de maneira corrente, destacando o suporte fotográfico como formas de memória e registro. Desta forma a mostra propõem diálogos próprios, o que não impede que o público, espontaneamente, crie suas próprias comunicações.

Pensando nisso, por meio de estudos sobre cada obra, suas poéticas e seus respectivos artistas, foram formuladas dez ações educativas, sendo cada uma delas adequada para uma faixa etária e abrangendo diferentes obras.

O Núcleo tem como principal interesse realizar suas atividades educativas junto às escolas públicas da rede municipal e estadual, grupos de cegos e pessoas com baixa visão, associações de acolhimento de idosos, cujo público, muitas vezes, não é contemplado e não tem oportunidade de fazer um passeio cultural pelas instituições públicas da cidade. O primeiro contato e convite são realizados pela equipe da Ação Educativa por meio de ligações, e-mails, além de divulgação nas redes sociais.

A dinâmica das ações para as visitas foram planejadas com a seguinte logística: uma média de 5 minutos na entrada para transmitir informações básicas e de segurança, 25 minutos de visita dialogada e 30 minutos para as atividades com os mediadores da Ação Educativa. Essas dinâmicas são realizadas com material de apoio, como papéis de diversos tipos e formatos, lápis de cor, giz de cera, canetinha, ou apenas através do diálogo e troca de experiências.

Considerando que o tempo no museu é breve, é essencial elaborar previamente as formas e estratégias de comunicação que serão utilizadas. Afinal, esta pode ser a única visita que algumas pessoas farão a esse tipo de espaço. (FIGUERELLI, 2011, p.20)

Pelas informações levantadas no caderno de registro de visitas à exposição “Diálogos Possíveis 3”, foram registradas 848 assinaturas no caderno, sendo que cerca de 675 pessoas foram atendidas com ações educativas e 170 pessoas como público espontâneo. Esses dados transparecem a importância da iniciativa da equipe em convidar os grupos e escolas a participarem e conhecerem o CCUFG, divulgando e visibilizando o espaço como um todo.

Após essa exposição, em 15 de dezembro de 2016, foi instituído pela galeria do Centro Cultural o edital⁵ de seleção para ocupação do espaço, instituindo uma nova forma de selecionar artistas ou coletivos artísticos interessados em integrar o calendário de exposições do CCUFG. Diferente de como era realizado anteriormente, onde a maioria das mostras eram selecionadas ou mesmo realizadas pelo próprio diretor, agora haveria uma comissão de avaliação, que seguiria alguns critérios pautados no edital para selecionar algumas das mostras na galeria. Outra forma de expor no espaço é por meio da apresentação de propostas à coordenação de Artes Visuais.

O lado negativo disso, seria a quebra da continuidade do trabalho que vinha sendo realizado desde a primeira gestão, onde os focos principais eram contemplar a arte contemporânea, ampliar e mostrar as obras do acervo, além de realizar exposições significativas no cenário nacional.

5 Documento pode ser encontrado no site do CCUFG e da PROEC, disponível em: https://www.proec.ufg.br/up/694/o/EDITAL_PROEC_N.3.pdf?1483971516.

O edital não seguiu esses critérios, criando uma nova forma de ocupação da galeria. Eram bem-vindas exposições de fotografia, arquitetura, outras tipologias que iam além do campo da arte. Esse fator pode ser visto como positivo para o público, pois oportunizou novas experiências. Em contra ponto, no campo da ação educativa, muitas vezes, é difícil para equipe trabalhar com áreas que não são de seu conhecimento. Os mediadores, na tentativa de continuar atingindo esse público, tentam se adaptar ao novo contexto, visando sempre buscar conteúdos que são interessantes para os visitantes.

Na realidade, é uma característica da própria educação não-formal ser mais flexível de maneira geral. Do mesmo modo que a equipe de mediadores tem que se adaptar para atingir diferentes públicos, com abordagens distintas, faz parte do trabalho buscar formas de especialização em assuntos que não são de seu conhecimento. (FIGUERELLI, 2011).

Pensando nisso, a função do mediador nada mais é do que decodificar das informações contidas na exposição. Ele usa de sua bagagem de conhecimentos e de estudos prévios sobre a mostra, transformando as informações contidas nas obras e no contexto, que muitas vezes não são facilmente reconhecidas, para tornar o conteúdo compreensível ao público. (ALLARD 1996, apud MARANDINO, 2008, p.20)

Após a definição do edital, a Galeria recebeu três exposições seguidas que ainda não faziam parte deste e não contemplavam a arte contemporânea. Analisando as propostas das exposições e devido à falta de tempo de planejamento e execução das atividades, o Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas decidiu que seria melhor, pela temática e interesse dos realizadores das exposições, fazer mediação e ações educativas somente em uma das mostras.

Desta forma, a primeira exposição contou com ações educativas realizadas pelos mediadores culturais do Núcleo; a segunda foi realizada pela equipe que planejou o evento e contou com estagiários do curso da área ligada à exposição, mesmo assim, sempre acompanhados pelos mediadores do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas e, a última, não houve nenhum tipo de atividade.

“O olhar Vertical” foi a primeira dessas mostras. Iniciada em 17 de março, foi realizada com a colaboração do banco Santander. Apresentou um projeto iniciado em 2013, com o fotógrafo e arquiteto Tuca Reinés, que foi contratado para fazer imagens aéreas de um helicóptero, de vários locais do Brasil, onde estão localizadas as agências Santander Select. A intenção inicial era que essas fotografias estivessem nas suas agências correspondentes, como elemento de ornamentação. Tempos depois, surgiu a ideia de realizar uma exposição itinerante com o fim de tornar essas imagens acessíveis para o público.

Junto ao curador Agnaldo Farias, o fotografo expôs uma seleção de 54 fotos das muitas que foram tiradas. As paisagens eram apresentadas não só como mero registro, evidenciando seu valor como forma de documento histórico, arquitetônico, geográfico e ambiental. Através delas podiam ser discutidos os contrastes existentes em nosso país, entre a riqueza e a miséria, o olhar sensível e o crítico, pois apesar de todas serem tiradas do alto, mostram diferentes ângulos de diferentes paisagens de um só país.

Com base nessa proposta, a equipe de ação educativa estudou cada fotografia e a forma como foram agrupadas para serem expostas. A intenção da equipe era propor uma atividade interdisciplinar que trabalhasse um pouco com a noção de espaço geográfico, discutindo sobre o meio ambiente, questionando sobre as diferenças sociais que se tornaram visíveis em muitas das fotografias, além de propor a identificação com seu local de origem.

Foram recebidos grupos de escola de Ensino Fundamental e Médio, alunos de Graduação e até a Associação dos Deficientes Visuais do estado de Goiás. Desta forma foi necessário planejar ações que atingissem adequadamente cada tipo de público. Para isso foram elaboradas oito propostas de ações educativas, mas logo no início foi detectado que algumas delas não funcionariam por conta da dificuldade de se trabalhar com o material e do tempo disponível.

O mediador tem que estar consciente, no momento de elaboração da ação, que não existe um público homogêneo, existem públicos, no plural, com diversas peculiaridades. Para estabelecer aproximação com os visitantes, é preciso ter conhecimento das particularidades de cada grupo. Dessa forma, facilita as possíveis adaptações a serem realizadas com intuito de integrá-los melhor (MARANDINO, 2008, p. 24).

Na prática apenas quatro das ações foram realizadas por serem consideradas mais viáveis e ao longo de sua realização notou-se maior interesse e participação em algumas delas. Além dessas ações, planejou-se uma atividade especial para a Associação de Deficientes Visuais. Em uma parceria colaborativa entre o Núcleo de Intercambio e Ações Educativas e a Associação, o material textual da mostra foi impresso em braile, desde o texto curatorial, até as legendas das fotografias. A visita foi acompanhada pelos mediadores e por uma funcionária da Associação que fez uma audiodescrição dos quadros. Com intuito de colaborar e aproximá-los dessa experiência, o Núcleo pensou em áudios que combinassem com as imagens, referente às características culturais e sonoras das regiões que representadas nas fotografias. Essa atividade teve um ótimo funcionamento, sendo bem recebida pelo grupo.



Imagem 4 *Visita da Associação de Deficientes Visuais na exposição "O olhar Vertical" 2017. Acervo do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG.*

Os grupos de portadores de necessidades especiais e idosos, têm cada vez mais procurado espaços culturais com intuito de usufruir mutuamente de entretenimento e conhecimento. Para tanto, deve ser do conhecimento da equipe que estas "necessidades exigem a confecção de estruturas expositivas adaptadas e materiais de apoio específicos para cada tipologia"(MARANDINO, 2008, p.24).

A próxima exposição "Olhares para dança", teve com objetivo apresentar memórias e histórias do cenário da dança em Goiânia, desde os anos de 1970 até a primeira década de 2000. A mostra contava com trinta e uma imagens acompanhadas de textos e áudios, que traziam depoimentos de pessoas que viveram os momentos ali representados. Pensando na ação educativa, a equipe do Núcleo chegou à conclusão que, como se tratava de uma temática corporal, seria mais interessante que fossem realizados exercícios com o corpo. Dessa forma sugeriu-se aos organizadores da exposição que tivessem estagiários do próprio curso de dança que pudessem realizar essas atividades. Essa proposta foi aceita e dois alunos da graduação de dança do Instituto Federal de Goiás (IFG) faziam exercícios de alongamento e de prática de dança com os visitantes, sempre acompanhados da equipe do Núcleo de Intercambio e Ações Educativas.



Imagem 5 Ação educativa na exposição “Olhares pra Dança” 2017 Acervo do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG.

Sequencialmente, a galeria recebeu a mostra “Centenário de João Vilanova Artigas - Nos pormenores um universo” a qual era composta por maquetes, desenhos artísticos, pranchas impressas de projetos, em vários formatos e escalas, a fim de mostrar um pouco da história profissional do arquiteto João Batista Vilanova Artigas. Além desses suportes, contou-se com materiais audiovisuais, como fotografias e documentos que fazem parte do acervo da família, além de vídeos e recortes do documentário que foi produzido especialmente para a comemoração do centenário. Essa mostra não teve ação educativa, pois os organizadores não tiveram interesse em realizá-las.

Por meio da análise dessas informações, observa-se que com a criação do Núcleo de Intercâmbio e Ações educativas, houve um planejamento prévio de todas as atividades, o que resultou numa melhor aplicação e ótimos resultados da ação educativa, segundo os membros da equipe. Outro ponto, foi que através da verificação nos livros de assinaturas de visita, percebeu-se o crescimento do número de visitantes de forma geral e agora, a presença de escolas e outras instituições fazia parte desta lista, representando a maior porcentagem do público.

Esses dados são evidentes a partir da observação do levantamento feito por um membro da equipe da ação educativa, sobre o número de visitantes nas exposições que ocorreram de 2014 a 2017: Na exposição “Adensamento e Expansão. Arte Contemporânea – Acervo CCUFG” (2014; 2015) houve cerca de 500 assinaturas no caderno; “Em Triangulações” (2015), 292 assinaturas; Na mostra “Diálogos Possíveis 3” (2016), já com a

criação do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas, tivera, 17 visitas agendadas (escolas e grupos fechados) e um total de 987 assinaturas no caderno; Em “O Olhar Vertical: Tuca Reinés” (2017), foram 15 visitas agendadas (escolas e grupos fechados) e 563 assinaturas no caderno; “Olhares Pra Dança” (2017), 14 visitas agendadas (escolas e grupos fechados) e 819 assinaturas no caderno; Por fim na exposição “Centenário de João Vilanova Artigas: nos pormenores um universo”(2017), não houve ações educativas, obtendo 560 assinaturas no caderno.

Outro aspecto importante a ser destacado, é o fato de que com a existência de um núcleo específico que se prepara adequadamente para cada exposição e para cada tipo de público, contribui para a ampliação da qualidade do trabalho oferecido, e isso se reflete na satisfação das pessoas que usufruem deste serviço. Este trabalho sendo realizado sempre por uma mesma equipe também faz com que seus membros se conheçam melhor, dividindo mais adequadamente as funções e tendo uma experiência conjunta do que funciona ou não na prática das aplicações das ações educativas.

A fim de analisar mais profundamente os aspectos de funcionamento do Núcleo e de suas práticas, no capítulo três será estudado de forma mais minuciosa, uma exposição ocorrida na galeria no ano de 2017, que teve acompanhamento completo pela equipe. Será relatado a seguir, um pouco sobre o funcionamento do Núcleo de Programação de Artes visuais a fim de entender o funcionamento da galeria de forma geral.

2.1 NÚCLEO DE PROGRAMAÇÃO DE ARTES VISUAIS DO CCUFG

O Núcleo de Programação de Artes Visuais é responsável por todas as atividades realizadas na galeria, desde a parte museológica, envolvendo documentação, salvaguarda, higienização, até a execução das exposições. Como as ações educativas são realizadas quase exclusivamente em função da galeria, exceto quando é solicitado para outros tipos de eventos, é importante ressaltar aqui, as atividades realizadas por esta equipe.

Todo o trabalho desenvolvido por este setor já era existente desde a fundação do Centro Cultural. Mas foi a partir da entrada do novo regimento que se consolidou este Núcleo de Programação de Artes Visuais que foi reunido e conciliado as atividades de forma mais pautada. Conforme o regimento interno do CCUFG (2016), no capítulo IV, Art. 9:

Art. 9º Ao Coordenador de Programação de Artes Visuais compete:

I - convocar e coordenar as reuniões de planejamento, produção, avaliação e distribuição de atividades;

II - elaborar e apresentar, em conjunto com sua equipe, a programação anual da área de Artes Visuais;

III - administrar a equipe técnica da área de Artes Visuais;

IV - coordenar a elaboração dos Editais e/ou Chamadas Públicas para a programação de Artes Visuais;

V - coordenar a realização das exposições temáticas, comemorativas ou especiais para fins de visitação pública, bem como promover a divulgação de seu acervo;

VI - promover ações de editais, concursos e premiações artísticas;

VII - promover a política cultural de preservação do acervo de Artes Visuais, de acordo com as normas técnicas nacionais e internacionais;

VIII - coordenar ações de pesquisa, de documentação e de divulgação do acervo CCUFG;

IX - fomentar exposições itinerantes do acervo em instituições culturais e congêneres, no país e no exterior, observadas as normas regulamentares de preservação, de segurança e da legislação vigentes;

X - propor à Direção do Centro Cultural UFG e à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura a cessão temporária de obras do acervo para instituições culturais e congêneres, no país ou no exterior, observadas as normas regulamentares de preservação, de segurança e da legislação vigentes;

Primeiramente, em relação ao acervo e ao setor de museologia, podem ser citadas algumas ocorrências importantes. Como o acervo do CCUFG, foi recebendo várias obras participantes de diversos prêmios, advindas de doações e assim por diante, os objetos começaram a ultrapassar a capacidade de armazenamento da reserva técnica. Foram então, utilizadas a sala de apoio, a galeria e a sala de museologia para guardas as peças. Como essas não foram projetadas para atender as especificidade de uma reserva técnica, elas não contam com quase nenhum tipo de mobiliário adequado para o acondicionamento das peças. Essa é uma das preocupações dos funcionários desse setor, pois as obras não são acondicionadas com segurança suficiente, podendo ocorrer um eventual acidente por seu mau armazenamento.

No caso da área de acervo, é necessário pensar que os museus e espaços culturais não têm capacidade ilimitada de colecionar, sendo sempre o espaço físico, recursos humanos e financeiros, fatores limitantes. Deste modo, o mais coerente a ser feito pela instituição é analisar diante de doações, compras ou outros tipos de aquisições, se as peças se enquadram com os valores e propostas institucionais. (CÂNDIDO, 2014).

Fazendo essa seleção, a instituição garante um acervo mais homogêneo no sentido de que eles se encaixem em seus planos de pesquisa, de exposição e de educação, facilitando por consequência, os trabalhos de montagem de exposições e ações educativas (CÂNDIDO,

2014). Além disso, por meio dessa prática, muitas vezes se evita a superlotação do espaço da reserva técnica, não invadindo novos locais despreparados e abrigando inadequadamente os acervos.

Com a entrada de muitas peças, mudanças de gestão e de funcionários, houve um desarranjo de controle das obras, as quais se encontravam registradas em plataformas diferentes, de forma não padronizada e desatualizada. Pensando nesta organização, em dezembro de 2016, iniciou-se o projeto Tainacan⁶, o qual objetivou justamente ordenar de uma forma padrão e em uma plataforma on-line todas as obras que se encontram no acervo do Centro Cultural, e contou com uma estagiária do curso de museologia para fazer este trabalho. De acordo com levantamento interno feito pela estudante, foram encontradas muitos desencontros nas informações referentes à documentação⁷ do Instituto de Artes - IA, atual FAV e as informações que estão na documentação do próprio Centro Cultural UFG. Por conta disso, houve uma paralisação no processo de trabalho para verificar a ocorrência.

Logo após essa constatação, a estagiária iniciou o trabalho de coletar todos os dados e documentação que já existiam, para, em seguida, inseri-los na plataforma Tainacan. Para isso, criou-se uma ficha de documentação onde continham todos os dados das coleções e de cada obra, desde seu título, até sua técnica e material. Segundo levantamento interno (2017) foram cadastradas no total oito coleções na instituição, sendo elas:

- 0001-Instituto de artes
- 0002-Banco Central
- 0003-Edna Goya
- 0004-Carlos Sena
- 0005-Selma Parreira
- 0006-Alunos da FAV
- 0007-Sebastião Ayres de Abreu
- 0008-Coleção Cia. Bozano

O cuidado e organização de todo o acervo facilita o trabalho não só dos funcionários ligados ao setor de museologia. A boa organização de um espaço acaba por ajudar na dinamização funcional dos demais. Como é dito por Manuelina Duarte Cândido (2014), ao realizar uma constante gestão e ordenação de cada local separadamente, cria-se um equilíbrio do todo, interligando assim os espaços institucionais.

No caso do CCUFG, o funcionamento do Núcleo de Programação de Artes Visuais e

6 O projeto Tainacan é uma parceria entre o Laboratório de Políticas Públicas Participativas do MediaLab/UFG com o Ministério da Cultura e o Instituto Brasileiro de Museus, com propósito de desenvolver uma plataforma comum para a produção e organização de acervos digitais em rede.

7 Estes documentos que podem ser encontrados no site da galeria da FAV.

do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas deve ser sempre colaborativo, já que para os mediadores é de sua importância ter acesso às informações sobre o seu acervo, a fim de transparecer para o público a identidade local. Outro fator importante é o planejamento do calendário de exposições, que deve ser compartilhado, para que a equipe possa ter tempo hábil para elaboração de suas atividades educativas. Sendo assim, é importante o constante intercâmbio entre todos os setores.

CAPÍTULO 3 ESTUDO DE CASO SOBRE A EXPOSIÇÃO VOZES DO SILÊNCIO

No presente capítulo será realizada a análise da pesquisa de campo feita através da coleta de dados durante todo o processo educativo da mostra “Vozes do Silêncio”, ocorrida do dia 03 de agosto a 6 de setembro de 2017. Foram coletados dados, durante todo o desenvolvimento do processo, desde o planejamento até o momento da aplicação prática das atividades de ação educativa.

O objetivo consistiu em analisar quais foram as etapas necessárias a serem realizadas a fim de alcançar as propostas de atividades educacionais mais coerentes com os temas abordados na mostra e que atingissem adequadamente cada tipo de público. Além disso, pretende-se avaliar quais foram as percepções da equipe do Núcleo diante da aplicação dessas ações educativas. Para registrar de forma mais concreta esses processos, foram feitos: cadernos de pesquisas, um caderno das ações educativas planejadas e um caderno de percepções dos mediadores durante a fase de aplicação das ações.

A metodologia utilizada será de pesquisa participante, pois em março de 2017 entrei no Centro Cultural UFG como estagiária de ação educativa e tive a oportunidade de participar como membro da equipe do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas, de todas as etapas realizadas nesta exposição que será estudada aqui. Todos os documentos que foram analisados, como os cadernos, foram feitos em colaboração por todos os membros da equipe.

O processo teve início no começo do mês de Julho de 2017, quando nós começamos a pesquisar sobre a exposição. Esta mostra não fez parte da seleção do edital, sendo uma proposta advinda da Galeria Antônio Sibasolly e que ocuparia a galeria do Centro Cultural UFG a partir do começo do mês de Agosto.

“Vozes do Silêncio”, iniciou seu processo de exposição em 25 de Julho de 2017 na Galeria Antônio Sibasolly, localizada na cidade de Anápolis (GO). Um dos primeiros passos adotados pela equipe da ação educativa, juntamente a equipe de museologia, foi que, no dia 3 de Julho, ambas visitaram a exposição em Anápolis com o propósito de entender melhor sobre a proposta da mostra, conhecer as obras e sentir a temática de forma geral. Ter essa oportunidade de analisar previamente o conjunto das obras para assim iniciar estudos mais aprofundados sobre cada uma delas e sobre cada um dos artistas, foi de grande riqueza, pois dessa forma facilitou o processo compreensão e leitura sobre as peças.

O segundo passo consistiu em pesquisar e entender sobre a proposta da exposição,

sobre a trajetória e produção artística de cada integrante da mostra, além de estudar obra por obra. Porém, sentimos algumas dificuldades nesse processo, como por exemplo, o fato de as informações estarem disponíveis apenas na internet. Desta forma coube à equipe da ação encontrar essas informações disponíveis e fazer algumas conexões entre elas, adquirindo um conteúdo que fosse suficiente para servir de base para as próximas etapas.

A exposição “Vozes do Silêncio” traz obras de sete artistas brasileiros contemporâneos, abordando assuntos que giram em torno de temáticas deixadas como herança pelas culturas afrodescendentes no contexto de nosso país, suas consequências, representatividade e inquietações sociais. Através da arte, esses artistas se expressam de diferentes formas e por diferentes plataformas a fim de questionar o público sobre esses assuntos, demarcando ainda, seus territórios de resistência na produção artística nacional.

Segundo consta no release da mostra (2017), a ideia de realizar uma exposição com essa temática em Goiás, veio do curador da exposição, Paulo Henrique Silva, com a pretensão de incluir o Estado nos debates e reflexões que tem ocorrido recentemente sobre esses temas, questionando principalmente sobre o papel dos artistas negros nas artes visuais em nosso país. Por isso a escolha do curador em reunir somente artistas negros para esta mostra.

Os sete artistas são de diferentes regiões do Brasil, sendo nomes representativos atualmente na arte contemporânea de nosso país. São eles, Antônio Obá, Dalton Paula, Helô Sanvoy, Janaína Barros, Moisés Patrício, Paulo Nazareth e Rosana Paulino. A maioria deles são provenientes dos Estados considerados como polo artísticos, como é o caso de dos paulistas Rosana, Janaína e Moisés, do mineiro Paulo Nazareth e os outros três artistas são de uma região mais afastada no meio da arte, que é o centro-oeste. Obá e Dalton são nativos de Brasília. Apesar disso, Dalton afirma ser goiano por sua maior vivência e formação na cidade de Goiânia, havendo também outro goiano na mostra, Helô Sanvoy.

Vale destacar, que a presença de dois jovens artistas goianos em uma exposição que reuniu importantes nomes de várias regiões, indica um sinal de boas e significativas produções artísticas na capital goianiense. Outro ponto importante foi a identificação e inspiração que isso pode gerar no público, como exemplo de pessoas que estudaram e produziram arte fora dos polos artísticos e que hoje estão sendo reconhecidas por seu trabalho.

Outro fator importante que deve ser mencionado é do fato de apenas duas dos sete artistas serem mulheres, demonstrando que ainda é persistente a dificuldade das mulheres se inserirem em alguns cenários.

Esses fatores apresentados, já fazem menção ao nome dado a exposição, "Vozes do Silêncio". Esta nomenclatura pode abarcar uma série de questões em suas entrelinhas, dependendo do leitor, pode remeter a um diferente significado. Segundo análise da equipe da ação, mediante ao que foi estudado, uma das considerações que fizemos é que o título faz menção às pessoas que, mesmo vivendo em sociedade, muitas vezes têm suas vozes silenciadas, abafadas ou mesmo inaudíveis, o que acaba por precarizar a defesa de seus direitos e de suas representações em diversas esferas, como a social e artística, por exemplo. Uma pessoa silenciada é colocada à margem da sociedade.

A partir dos estudos realizados, procuramos compreender o estilo de produção de cada um. Encontramos algumas fontes que continham análises sobre as obras ou mesmo o próprio artista contando sobre ela, fato que faz uma grande diferença na compreensão da obra. Com todos os dados coletados, em conjunto construímos um caderno, onde todos colocavam as informações reunidas. O estudo de todos esses dados foi o primeiro passo para planejar a ação educativa.

É importante ressaltar que por serem artistas com carreiras bastante diversificadas, principalmente porque alguns são mais novos na área e participaram de um número menor de exposições, outros, já se encontram mais consolidados profissionalmente, contando com participações internacionais e formação acadêmica em Artes, por exemplo. Os dados coletados, por terem sido extraídos de sites dos artistas, notícias de exposições anteriores e de vídeos no YouTube, têm variações de quantidade de informações. Sobre Rosana Paulino e Antônio Obá coletamos um bom material e tivemos a oportunidade de realizar um panorama mais completo dos artistas, enquanto sobre Janaína Barros e Moisés Patrício, por exemplo, tivemos que trabalhar com menos informações, concentrando assim nas obras que estavam na exposição. Porém, a unidade temática e a seleção das obras dos sete artistas possibilitaram o diálogo entre elas e a construção do discurso da equipe durante as mediações.

Certamente, que não existe uma receita, nem um jeito único e correto de se fazer a ação educativa. Cada instituição deve se adaptar aos seus recursos, seus objetivos e a equipe que tem. Mas existem alguns passos, que podem ser feitos de diferentes maneiras, que são necessários para uma boa execução dessas dinâmicas? Segundo o livro "Educação em museus: a mediação em foco":

Há diversos aspectos que podem ser planejados, como o percurso pelo

museu, os temas relevantes, as questões a serem colocadas em determinados locais do trajeto, o tempo da visita, entre tantos outros. No entanto, há uma gama de fatores que não são planejáveis, mesmo sendo a equipe da monitoria a mais qualificada para o trabalho. Estes seriam os elementos surpresas da prática. (MARANDINO, 2008, p.28).

Pensando nessas primeiras etapas que foram realizadas e com base de pesquisa bibliográfica, seguimos algumas orientações importantes. Como é dito por Figurelli (2011), para desenvolver ações educativas é necessário que a equipe esteja capacitada, a fim de transformar seus conhecimentos em conteúdo educacional, seguindo os conceitos e objetivos tomados como base por eles. A percepção e a apropriação que os mediadores fazem desse potencial educativo, acaba por influenciar nos resultados que serão obtidos.

Pensando nisso, no caso do Núcleo aqui estudado, no início de sua criação já foi determinado o caráter pedagógico voltado para o diálogo, a fim de promover uma maior igualdade entre todos os envolvidos nas atividades. Dessa forma, as dinâmicas deveriam ser elaboradas em torno deste propósito.

Logo, a pesquisa realizada com o intuito de capacitar o profissional e a troca de informações entre os membros da equipe, é um passo muito importante a ser realizado. Com uma base de conteúdo, fica muito mais simples pensar nas possíveis atividades a serem desenvolvidas.

Antes de propor as ações, além de pensar em seu propósito, é preciso considerar os recortes necessários que serão feitos para atender as especificidades daquela mostra. No caso de “Vozes do Silêncio”, se trata de uma exposição de arte contemporânea, com artistas brasileiros, elaborada no ano 2017, com produções recentes, feitas por artistas representativos e que tratam da questão afro-brasileira.

É interessante evidenciar durante as visitas e nas atividades, esses aspectos que tornam a exposição única, com intuito de transparecer e informar para os visitantes, o caráter e as peculiaridades da mostra. Principalmente para as crianças, é importante que tenham ideia sobre o contexto em que elas estão ali inseridas.

O Centro cultural UFG geralmente recebe os mais diversificados tipos de públicos, desde crianças que ainda não foram alfabetizadas, até pessoas do meio da arte. Portanto, sabendo dessa pluralidade, foi apropriado pensar em formas diferentes e adaptações possíveis para o momento da visitação. Segundo o livro “Educação em museus: a mediação em foco.” (2008), há alguns caminhos que facilitam esse processo do mediador:

obter informações sobre o visitante, buscando estabelecer pontes entre os conhecimentos que trazem – conceitos, vivências, idéias – e aqueles apresentados nesses locais. Elaborar estratégias eficazes e estimulantes, que articulem processos educativos e comunicativos adequados e os objetivos esperados nas ações que participam, é um momento de criação e de produção de conhecimento próprio dos mediadores. (MARANDINO, 2008, p.20).

Geralmente, um dos principais públicos recebidos pelas instituições museológicas são as escolas. O desenvolvimento de uma boa parceria com essas instituições tem que partir do interesse de mútuos os lados. Sendo assim, os professores deveriam ter participação efetiva na estruturação do processo pedagógico da visita, chegando em um consenso com a equipe, sobre os objetivos a se atingir a partir deste trabalho realizado. (MARANDINO, 2008. p.25). No caso do CCUFG, como mostrado no levantamento de dados de visitas, presente no capítulo 2, as escolas representam a maior parcela de visitantes da instituição, mas é uma minoria dos professores que procuram a equipe a fim de preparar um conteúdo mais elaborado com vistas a estabelecer conexões com o currículo escolar.

Pensando em todos estes fatores, criamos então um caderno de ações educativas⁸. Essas ações foram elaboradas a partir de ideias nossas, membros da equipe, analisando todo o conteúdo estudado e pensando no nosso objetivo. Para construir essas atividades era necessário saber o que queríamos deixar de conteúdo para as pessoas que realizassem a visita com nossa equipe.

Como já preestabelecido na criação do Núcleo e principalmente diante da temática desta exposição, consideramos abordar e evidenciar as questões sociais e de identidade. O museu como espaço de educação não formal, pode adentrar facilmente em assuntos sociais, como o respeito à diversidade, a valorização à pluralidade e maior tolerância à heterogeneidade de ideias que compõe a sociedade. (FIGUERELII. 2011, p.127).

Sendo assim, durante a visita dialogada pensamos em destacar e trabalhar um pouco sobre os conteúdos históricos e antropológicos presentes nas obras de Rosana Paulino; Questões religiosas trazidas por Antônio Obá; Temáticas sociais da atualidade, abordadas por Moisés Patrício e Dalton Paula; A cultura visual e problemas sociais das obras de Helô Sanvoy; A presença da literatura e originalidade nas produções Paulo Nazareth; E a forma delicada e feminina que Janaína Barros usa para falar de problemas enfrentados por mulheres negras na sociedade, etc.

8 O documento está no tópico anexos

Determinamos por realizar primeiramente a visita dialogada pautando nesses assuntos e após, seriam realizadas as atividades educativas. Mediante as nossas análises, foram escolhidas três obras como principais, servindo de base para a maior parte das ações. A escolha foi dada a partir das possibilidades que enxergamos de gerar atividades com conteúdo didático e educativo.

A primeira atividade se baseia na obra "Aceita?" de Moisés Patrício. Esta obra trata-se de fotografias que são reveladas e expostas em forma de mural na galeria. Além disso, Moisés oferece parte da obra aos seus seguidores nas redes sociais, mais especificamente na rede Instagram, pois todos os dias posta uma foto de sua mão acompanhada de um cenário e objetos variados, e, em seguida, ele pergunta se “você aceita?”. Esse cenário traz objetos que remetem ao consumo, as questões sociais, étnicas, religiosas, além de objetos descartados pelas pessoas nas ruas. Moisés então os transforma em mensagens para questionar o espectador sobre questões de intolerância, de valores sociais, consumo, capitalismo.

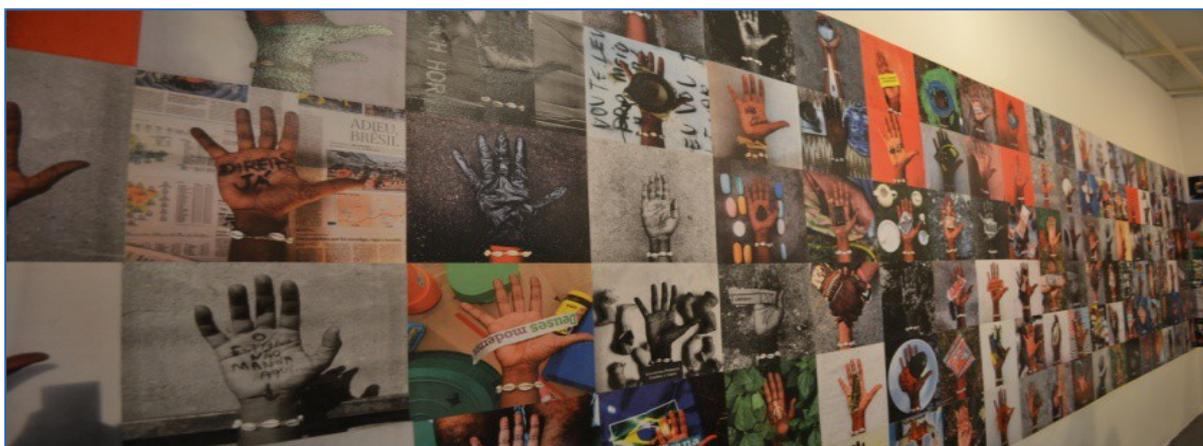


Imagem 6 *Obra “Aceita?” de Moisés Patrício 2017. Acervo do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG.*

Considerando o intuito dessa obra, elaboramos uma atividade para atingir crianças de Ensino Fundamental, na faixa etária de seis a dez anos, abordando os conceitos de identidade, interseccionalidade, diversidade cultural e valores sociais. Durante a visita dialogada com as turmas que participariam dessa atividade, seria necessário dar destaque a esta obra, enfatizando a pluralidade de lugares, cores e objetos do cotidiano usados para produzir a obra e explicar os significados neles impregnados.

Após a visita, a equipe de ação educativa convida o grupo para sentar em uma roda na própria galeria para continuarem a atividade. A proposta é que neste momento eles sejam os artistas que representarão sua própria mão. Em uma folha A4 colorida, cada um faz o

contorno de sua mão e desenha, recorta, cola aquilo que melhor achar que o representa, ou simplesmente algo que gostaria de retratar em sua obra. Por meio dessa dinâmica, é possível abordar os conteúdos que a obra de Moisés Patrício enfoca, além de incentivar a produção artística e o uso da criatividade.

Ao final sugeriu-se que as professoras e professores levem para escola os materiais produzidos, para que possam trabalhar um pouco mais sobre os possíveis temas curriculares em sala de aula. Também foi proposto pela nossa equipe, que juntando todos os desenhos, reproduzam um mural semelhante ao que está na exposição. No espaço físico da galeria esta atividade está programada para durar 25 minutos. A melhor recomendação é que ela não termine aí, mas que haja uma continuação do trabalho de forma mais aprofundada com o professor em sala de aula.

A segunda ação educativa pensada teve o propósito de atingir crianças do Ensino Fundamental de dez à quatorze anos, pois já exige a habilidade escrita. A atividade foi planejada com o intuito de estabelecer uma conexão entre a obra de dois artistas, Dalton Paula e Paulo Nazareth, os quais usam do recurso da escrita e da simbologia.

A obra “A notícia” de Dalton Paula, foi encomendada em comemoração ao aniversário do jornal “O popular”, que solicitou que diversos artistas fizessem uma obra com temas ligados a jornal. Dalton, então, fez uma releitura do trabalho “Family Tree”, do artista chinês Zhang Huan, que contratou um calígrafo para escrever sobre o seu rosto por aproximadamente doze horas, destacando assim principalmente a questão da identidade. Na versão de Dalton, ele fez vinte carimbos de manchetes aleatórias do jornal em questão, sendo dez carimbos brancos e dez pretos. Os brancos foram aplicados em sua pele negra e os pretos foram aplicados em uma parede branca, ao fundo. Essa obra pode elucidar visualmente o contraste entre as duas cores, evidenciando essas questões étnico-raciais, além de mostrar o quanto somos bombardeados por diversos tipos de informações em nosso dia a dia.

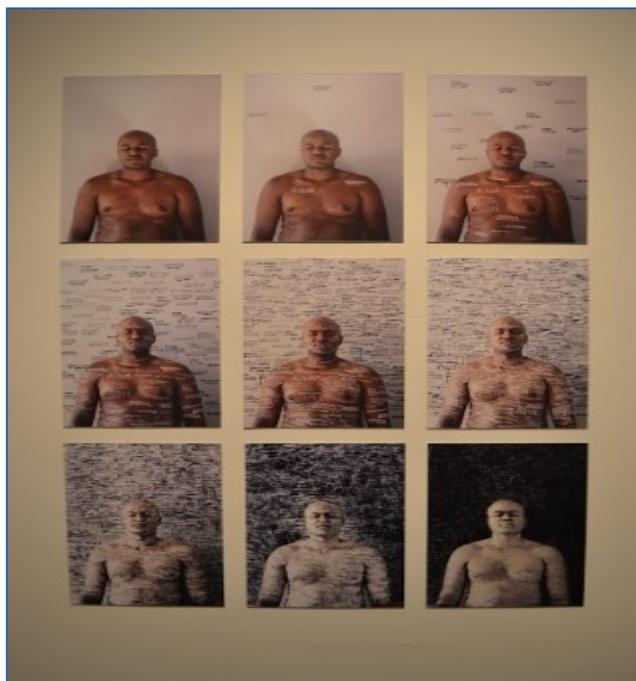


Imagem 7 Obra “A notícia” de Dalton Paula 2017. Acervo do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG.

A obra de Paulo Nazareth “Auto declaração de homem negro afro-indígena / Afro Borum.”, reflete bem a personalidade do artista. Feirante por muitos anos, Paulo coloca nesta obra uma mesa semelhante a que encontramos na feira e vários folhetos sobre ela, escritos por ele mesmo, que podem ser levados pelo público em troca de uma moeda a ser depositada em uma embalagem reutilizável. Esses textos impressos em papel reciclável fazem referências a histórias e memórias de sofrimento e luta de povos afro-indígenas. Sobrepostas ao texto e às imagens, o artista imprime alguns desenhos de círculos brancos, as quais podem fazer referência à lenda africana da galinha da Angola. Metaforicamente, como diz a lenda da galinha, os círculos inseridos sobre os textos e as fotografias impressas podem representar uma benção, uma forma de proteção e sinal de respeito.



Imagem 8 *Obra “Auto declaração de homem negro afro-indígena / Afro Borum.”* 2017. Acervo do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG

Pensando nessas duas obras, a proposta da equipe da ação educativa, foi criar previamente, em um papel craft um corpo negro e círculos brancos recortados em folhas de papel sulfite. A dinâmica funcionaria de forma que, durante a visita, fosse contada a lenda da galinha da Angola e ao final pedisse para que cada pessoa escrevesse algo sobre identidade, diversidade e preconceito no espaço do círculo branco. Feito isso, todos os recortes em formato de círculo seriam colados sobre o desenho do corpo negro, simbolizando tanto a cobertura do corpo com a identidade daquele grupo de estudantes, quanto significando o respeito à diversidade.

O propósito dessa atividade foi possibilitar reflexão sobre as questões de preconceito de forma generalizada, sobre questões raciais e ainda tentar ilustrar como as palavras, informações, podem interferir na vida de uma comunidade.

A terceira ação proposta foi a realização de uma roda de conversa onde todos pudessem trocar opiniões sobre as obras e os temas suscitados pela visita à exposição, dando ênfase às experiências de vida, dinamizando assim o conhecimento. Essa roda poderia ser aplicada tanto com alunos de Ensino Médio, de graduação, grupo de professores ou idosos para estimulá-los a refletir sobre os possíveis assuntos embutidos em “Vozes do Silêncio”.

Todo esse processo de planejamento, mesmo que não seja seguido a rigor no momento de sua aplicação, deve nortear os mediadores com intuito de organizar seu trabalho. O que foi feito pela equipe de ação educativa foi basicamente um estudo prévio e a partir dele uma espécie de roteiro a ser executado durante as visitas. Para nós da equipe esta etapa foi primordial para dar continuidade às atividades.

3.1 APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES DE AÇÕES EDUCATIVAS

Como já mencionado anteriormente, a equipe de ação educativa divulga tanto a exposição, como os seus serviços de mediação pelo website do Centro Cultural, pela rede social Facebook, através de e-mails e ainda pelo telefone.

Para esta exposição, foram agendadas muitas visitas de diferentes instituições. No total foram recebidas 8 turmas de escolas da rede municipal, 3 turmas da FAV/UFG, uma turma de graduação do curso de Nutrição da UFG, uma turma do curso de Letras do IFG, uma turma de professores do Instituto Arte na Escola e uma turma do Centro de Referência dos Idosos Norte Ferroviário, ligados a Organização das Voluntárias de Goiás (OVG). Em média 450 pessoas foram atendidas pela equipe de um total de 811 que assinaram o caderno de visita da mostra. Ou seja, mais da metade dos visitantes foram recebidos pelo Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas.

Na primeira semana realizando as ações, começamos com a seguinte dinâmica, 5 minutos para avisos de normas da galeria; 30 minutos de visita dialogada, contando um pouco sobre algumas das obras e questionando o público sobre seu entendimento diante das mesmas; e mais 30 minutos para realizar a atividade. Foi perceptível para a equipe, que essa forma de executar a visita não funcionava, pois muitas vezes a turma estava mais interessada em outra obra que não era a que estávamos explicando, ficando um ambiente muito disperso e a turma separada.

Essa forma de visita dialogada na qual o mediador determina a obra a ser explicada e o público fica diante dele escutando, muitas vezes não estimula a participação do visitante. Sua missão, além de facilitar o entendimento da informação, é de promover a aproximação com o público, fazendo-o compartilhar suas ideias, levando-o a refletir, a perguntar, a duvidar e a querer buscar mais informações sobre o tema abordado. (MARANDINO, 2008. p.23).

Refletindo sobre estes problemas, todos achamos melhor tentar um novo tipo de abordagem. Pensamos então, fazer da seguinte forma, 5 minutos para avisos de normas da galeria, 10 minutos para o público visitar livremente a exposição, após esse tempo, reuníamos a turma e era questionado quais obras eles gostariam de ouvir a explicação e dialogar sobre. Depois disso, eram feitos mais 30 minutos de atividade. Observamos uma brusca diferença a partir dessa dinâmica. O público escolhia aquilo que era de seu interesse e conseqüentemente, acabavam participando mais da discussão.

Apesar do ato de determinar o circuito a ser realizado dentro do espaço ser recomendado por muitos profissionais de museu, como dito em alguns trechos neste capítulo, isto não funcionou em nossas visitas dialogadas. Deixar o público mais livre pelo espaço, sem determinar percurso prévio teve um resultado muito mais positivo, democratizando assim, a forma de se realizar a visita.

Outro aspecto notado logo na primeira semana de visitas monitoradas, foi que a ação inspirada nas obras de Dalton Paula e Paulo Nazareth, não teve um resultado positivo. O primeiro ponto, é que muitos alunos tiveram dificuldade de entender que a história da galinha da Angola era apenas uma lenda e não um fato verídico; o segundo ponto é que muitos deles não compreenderam que se tratava de um exercício de identidade, de criatividade, escrevendo palavras que fugiam do contexto; o terceiro ponto é que vários estudantes tinham uma grande dificuldade na escrita e não conseguiram escrever uma palavra sequer sem o auxílio de um adulto.



Imagem 9 *Aplicação de ação educativa* 2017. Acervo do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG.

Pensando nessas várias dificuldades encontradas, eliminamos esta ação, aplicando nas semanas seguintes, com todas as turmas de Ensino Fundamental, a mesma atividade que era aplicada com os mais novos, inspirada na obra “Aceita?” de Moisés Patrício. O resultado foi muito positivo e mesmo as turmas mais velhas, interagiram muito bem com esse tipo de atividade.

A dinâmica de desenhar sua própria mão chamou muita atenção do público em geral, uma vez que algumas turmas de graduação também se motivaram a realizá-la. Foi uma

atividade que trouxe muitos fatores positivos, como o fato do público usar a imaginação e a criatividade para criar um cenário, refletir sobre os temas abordados anteriormente na mediação, pensar questões sobre identidade e transpor para o papel, além de trocarem momentos e vivências com os colegas.



Imagem 10 *Trabalhos feitos pelas crianças durante ação educativa 2017*. Acervo do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG.

Esses imprevistos e adaptações feitas, mesmo com todo um trabalho prévio e minucioso da equipe, de pesquisa e elaboração das ações, acabam ocorrendo por diferentes motivos. Faz parte do trabalho do mediador de museus, conviver com as imprevisibilidades da prática e os desafios de como solucioná-los, refletindo sobre os erros e pensando em novos caminhos. (SCHÖN, 2000 apud MARANDINO, 2008, p.29).

A única forma de saber se na prática vai ter um bom funcionamento, é testando. A experimentação justifica-se pela necessidade de buscarmos continuamente melhorar, procurando proporcionar um melhor aproveitamento das atividades para os visitantes do museu. Nesse momento as reflexões coletivas são de suma importância, juntando ideias, conhecimentos e experiências que promovam aperfeiçoamentos. (MARANDINO, 2008, p.29).

Na prática, também vimos o quanto faz diferença a preparação prévia dos alunos. Poucas turmas que atendemos tiveram envolvimento assíduo por parte dos professores. Os grupos que fizeram um trabalho antecipado em sala de aula, eram os que mais opinavam e debatiam sobre os assuntos. Desta forma, nós mediadores, podíamos ampliar mais o diálogo com eles, gerando uma pequena roda de conversa e debatendo com mais profundidade os

temas propostos pela exposição.

A diferença entre as visitas com professores e turmas preparadas previamente com aquelas que chegaram para a visita sem uma preparação foi visivelmente notada pela equipe, assim, podemos observar o quão necessário é o envolvimento da escola nessa parceria com o museu. O fato de o professor querer levar a turma achando que a instituição museológica por si só educará o aluno, sem precisar de seu envolvimento, pode ser considerada equivocada, como mostra a experiência vivida nesta exposição.

Uma das escolas que realizou a visita com nossa equipe, EMEI Retiro do Bosque de Aparecida de Goiânia, nos enviou fotos do mural que os alunos produziram na escola juntando todos os desenhos feitos dentro da galeria. A professora relatou, por meio de conversa informal com a equipe, que conseguiu trabalhar com seus alunos dentro de sala de aula posteriormente à visita, adentrando nas temáticas da exposição.



Imagem 11 *Mural produzido na EMEI Retiro do Bosque de Aparecida de Goiânia 2017. Acervo do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG.*

Para o Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas foi de extrema importância ter esse retorno da escola, saber que os professores estão dando continuidade ao trabalho realizado pela equipe. Pela perspectiva do Núcleo, vemos a visita como um momento rápido, no qual tentamos simplificar a informação de modo que ela fique mais facilmente compreensível. Mas, como toda informação, é mais fácil compreendê-la se já há um conhecimento prévio sobre ela, sendo melhor absorvida se retomada.

Além deste retorno positivo, tivemos algumas experiências marcantes que nos fizeram pensar na importância do trabalho além de educacional, social que realizamos, mostrando e incentivando discussões sobre assuntos como a diversidade, racismo e identidade. Durante a

visita do Centro de Referência dos Idosos Norte Ferroviário, houve uma mulher que se identificou muito com os assuntos retratados nas obras. Durante a roda de conversa, ela contou sobre seus familiares que passaram pela situação de escravidão e sobre suas memórias de infância na casa em que moravam quando sua mãe era a “criada” desta residência. Ela descreveu algumas de suas experiências vividas e alguns acontecimentos de injustiça e preconceitos da época.

A partir desse momento, os demais idosos que estavam participando da roda, começaram a discursar abertamente sobre seus preconceitos, pensamentos e mudança destes. Um deles comentou que quando apenas viram as obras, sem escutar nenhuma explicação, não ficou claro o sentido delas. Após o momento de reflexão, proporcionamos para eles uma forma de entretenimento e ao mesmo tempo, de informação.

Outro momento vivenciado ocorreu quando uma estudante de Ensino Fundamental nos relatou que não se reconhecia como negra. Em observação e reflexão mediante obras, ela se identificou em vários aspectos e comentou que se reconhecia dentro daquela exposição.

Por meio desses exemplos citados, podemos evidenciar que os espaços museais são locais de caráter educacional e sociocultural. Detentores de vasto potencial didático-pedagógico, esses locais estão cada vez mais buscando valorizar os conceitos, valores e princípios inerentes à arte, identidade, história, memória, territorialidade, cidadania, democracia, diversidade, pertencimento, apropriação, sustentabilidade, acessibilidade, interatividade, entre outros. (REM-BA, 2003).

Com o intuito de evoluir e melhorar o trabalho, é extremamente relevante que a equipe faça uma reflexão e avaliação constante de suas atividades, aperfeiçoando assim a capacitação de seus membros. Nestes momentos o olhar crítico sobre a ação educativa realizada, auxilia a avaliar sua própria ação, a da equipe e até mesmo os objetivos propostos pela instituição. (MARANDINO, 2008, p.29)

Fizemos então, um caderno de percepções dos mediadores durante a fase de aplicação das ações⁹, onde registramos o que consideramos importante de ser lembrado com o propósito de refletir sobre o que realizamos. Em nossa autoavaliação mediante as atividades feitas em “Vozes do Silêncio”, notamos o quanto foi válida e utilizada toda a pesquisa e estudo prévio de toda a mostra, para poder passar informações corretas para os visitantes. Além disso, observamos que é necessário planejamento prévio das visitas e das atividades a serem

9 O documento segue no tópico anexo

realizadas, embora seja necessário que a equipe tenha flexibilidade para fazer adaptações ao longo da exposição de acordo com o funcionamento da instituição e a interação do público, mesmo que isso exija mudanças drásticas no planejamento.

Podemos ressaltar novamente, observando através dessas experiências relatadas, o quanto é grande o potencial educacional dos espaços culturais. Mesmo sendo oferecido por meio da educação informal, ele é capaz de auxiliar nas atividades escolares e muito mais do que isso, executar um trabalho social com o público em geral.

A intenção desses locais de caráter museológico ao desenvolver práticas educativas é estimular o visitante a descobrir seu patrimônio, sua identidade e novos universos, sendo que cada instituição é livre para moldar suas práticas de acordo com seus objetivos específicos. O importante é que haja dedicação ao trabalho e um bom relacionamento entre os mediadores e os visitantes. Como dito no livro *Educação em museus: a mediação em foco* (MARANDINO, 2008. p.22) “O que se almeja ao final da visita não é especialmente a quantidade do que foi aprendido sobre a exposição, mas sim a qualidade das interações humanas estabelecidas.”



Imagem 12 *Momento da visita dialogada na exposição “Vozes do Silêncio” 2017. Acervo do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sua criação, o propósito do Centro Cultural UFG é ser um espaço de múltiplas artes, trazendo entretenimento e informação aos seus visitantes. Sua galeria tem intenção de ser um local acessível ao público escolar, universitário, aos pesquisadores e ao público em geral. Seu caráter educacional foi evidenciado e almejado por seu idealizador Carlos Sena Passos. Mesmo com seu falecimento e mudanças de gestões, era de extrema importância manter e valorizar cada vez mais esse aspecto.

Com o surgimento do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas, com uma coordenadora e uma equipe empenhada a dedicar-se às funções educacionais do espaço, notou-se um crescimento no número de visitas e aumento da relação com escolas e outras instituições. O Núcleo elaborou seus objetivos, intenções e atividades pensando na qualidade do trabalho que proporcionaria ao público.

A equipe procurou a cada exposição se adaptar e programar seu trabalho de forma que se encaixasse com o propósito e objetivos das mostras. Ao longo do trajeto os mediadores foram se capacitando cada vez mais, desenvolvendo técnicas e adquirindo experiência.

Na mostra “Vozes do Silêncio” pretendeu-se elaborar e executar ações educativas que tivessem funções educacionais e sociais. Esse processo se desenvolveu em várias etapas. Houve uma visita prévia antes da exposição chegar à galeria do CCUFG, com propósito de já analisar os detalhes. Foram feitos vários estudos prévios e coleta de dados, até chegar no processo de planejamento das ações em si. Todas essas etapas foram realizadas considerando o propósito da exposição, os objetivos da equipe da ação e os públicos que iriam ser recebidos.

Tendo bem estruturada as especificidades que iriam ser tratadas na exposição e conhecimento geral sobre a mesma, iniciou-se a produção de um caderno de ações educativas. O caderno continha de forma organizada a proposta de cada ação, seus objetivos e o público a que ela se destinava. Foi feita também uma programação do procedimento de visita em relação a sua organização de acordo com o tempo disponível para cada visita.

Apesar de feito todo esse planejamento, no momento das visitas com os diferentes públicos, alguns desses itens elaborados não tiveram bons resultados e algumas adaptações e mudanças tiveram que ser feitas. Os imprevistos nos levaram a pensar em algumas formas de revertê-los. As ideais elaboradas iam sendo colocadas em prática até alcançar melhores resultados.

Percebeu-se ainda, que sem os estudos prévios e a capacitação por parte dos mediadores não seria possível adquirir um conhecimento sobre as obras e as produções dos artistas, para assim gerar um conteúdo simplificado e adequado para cada público. Mesmo com as informações pautadas existiam várias formas de repassá-las para os visitantes e de aplicá-las como ações educativas. Cabe ao mediador então, mais do que simplificar as informações, tentar buscar a forma mais adequada de interagir com as singularidades dos públicos, da exposição e com os objetivos a serem cumpridos. A equipe, como um coletivo, tem que pensar em conjunto e ser flexível às possíveis mudanças, tornando a visita à instituição instigante e dinâmica.

Concluimos que o planejamento é uma base de extrema importância para auxílio do trabalho de mediação, mas não precisa ser algo rígido. Então, pode-se concluir que não há um passo a passo correto de como elaborar uma visita ao museu e as ações educativas. Mas por essa experiência, percebemos que a preparação da equipe e a pesquisa prévia são passos fundamentais para dar andamento ao trabalho.

No caso da exposição aqui estudada, grande parte do material feito pela equipe do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas foi realmente utilizado na prática e o que não obteve bom resultado foi reformulado e modificado pela equipe em conjunto e de forma pacífica. Através das experiências, os mediadores vão se preparando naturalmente para enfrentar e lidar melhor com imprevistos e adaptações.

Deve ser lembrado, que desde o início o intuito da equipe foi atuar nessa exposição abordando a educação e o lado social, sempre empenhada em realizar uma comunicação democrática. Por meio da experimentação, observamos que a visita feita de forma tradicional, onde o mediador segue seu roteiro para explicar as obras, não atingiu esse objetivo de criar um ambiente igualitário de expressão. A ideia de o público escolher aquilo que ficou interessado em saber mais informações, o deixa mais curioso e estimulado a querer participar da conversa.

Essa aproximação criada no ambiente, seja tanto entre os mediadores e o público quanto com os próprios visitantes entre si, acaba por gerar uma melhor interação social e por deixar mais positiva a experiência de visita ao museu, que muitas vezes é considerada como monótona. Criar um dinamismo dentro do espaço é uma das formas de torná-lo atrativo.



Imagem 13 *Visita dialogada na exposição “Vozes do Silêncio” 2017 Acervo do Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas do CCUFG.*

Outro ponto, é que os mediadores explorem os temas e aspectos positivos que a exposição proporciona. No caso de “Vozes do Silêncio” a temática social voltada para as classes e pessoas que são mais marginalizadas socialmente proporcionou que esse assunto, que normalmente é pouco abordado nas escolas e nos espaços institucionais, fosse dialogado. Instigar questões como identificação de identidade, diversidade e como isso aparece em nossa sociedade brasileira é algo que foi debatido de acordo com a proposta de cada artista e que proporcionou às pessoas, por meio da arte, terem contato com outras experiências e contextos sociais.

Como resultado dessa experiência registrada no presente trabalho, nota-se que o Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas mesmo com preparação prévia notou a importância de se adaptar frente aos obstáculos surgidos no momento de encontro com o público. Sendo assim, mesmo que a ação educativa requeira estudo e planejamento, é um processo constante de busca para que os visitantes tenham o melhor aproveitamento possível do conteúdo oferecido. Logo, a equipe deve procurar formas de realizar as atividades que se enquadram em suas propostas e adequar aos públicos.

REFERÊNCIAS

ADUFG, *Mesa redonda do rumos Itau Cultural*. Disponível em: <http://www.adufg.org.br/noticias/ufg-recebe-mesa-redonda-do-rumos-itau-cultural-2322/?periodo=2006-08>. Acesso: 05 de setembro de 2017.

BRASIL, *Lei N° 11.904 de Janeiro de 2009*. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF, jan 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904 Acesso em: 30 de setembro de 2017.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. *Orientações para Gestão e Planejamento de Museus/ Florianópolis: FCC, 2014*.

CENTRO CULTURAL UFG, Disponível em: <https://centrocultural.ufg.br/>. Acesso em: 02 de novembro de 2017.

CENTRO CULTURAL UFG, *I Salão de arte contemporânea do centro-oeste*. Goiânia, 2011b (catálogo de exposição).

CENTRO CULTURAL UFG, *Adensamento e expansão, arte contemporânea acervo CCUFG 2014* (catálogo de exposição).

CENTRO CULTURAL UFG, *Arquipélago, arte contemporânea acervo CCUFG, 2013* (catálogo de exposição).

CENTRO CULTURAL UFG, *Arte Contemporânea no Acervo UFG 2011a* (catálogo de exposição).

CENTRO CULTURAL UFG, *Blog CCUFG* Disponível em: <http://centroculturalufg.blogspot.com.br/>. Acesso em: 02 de novembro de 2017.

CENTRO CULTURAL UFG, *Estação Videoarte. Goiânia, 2013* (Folder de exposição).

CENTRO CULTURAL UFG; GALERIA ANTÔNIO SIBASOLLY. *Vozes do Silêncio*. 2017 (catálogo de exposição).

CENTRO CULTURAL UFG, *Levantamento interno, 2017*.

CENTRO CULTURAL UFG; MUSEU DE ARTE DA BAHIA; INSTITUTO DRAGÃO DO MAR; GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. *Triangulações 2015* (Folder de exposição).

CENTRO CULTURAL UFG; SANTANDER. *O olhar vertical, Tuca Reines*. 2017 (catálogo de exposição).

CENTRO CULTURAL UFG, *Xeque-mate: um século do ready-made*. 2013 (Folder de exposição).

CÉSAR, A. M. R. V. C. Método do estudo de caso (Case Studies) ou método do caso (Teaching cases)? Uma análise dos dois métodos no ensino e pesquisa em Administração.

Revista Eletrônica Mackenzie de Casos. São Paulo, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCSA/remac/jul_dez_05/06.pdf>. Acesso em: 09 de dezembro de 2017.

FERNANDES, Gilson. *Arquitetura de museus: entre tradição e modernidade. Ensaios e Práticas em Museologia*. Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio da FLUP, 2012, vol. 2, pp. 143-162.

FIGUERELLI, Gabriela Ramos. *Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano*. Revista eletrônica do programa de pós-graduação em museologia e patrimônio – PPG-PMUS Unirio/MAST - vol. 4 no 2, 2011.

GRISPUM, Denise. *Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola Responsabilidade compartilhada na formação de públicos*. 2000 (Mestrado em educação). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. São Paulo.

LOBATO, Mesquita Iolene. *Praça universitária: Espaço de sociabilidade e integração social*. Goiânia GO - Brasil. Disponível em: http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270391220_ARQUIVO_LOBATO-PRACAUNIVERSITARIA.pdf - praça universitária. Acesso em 28 de Agosto de 2017.

MARANDINO, Martha (Org.). *Educação em museus: a mediação em foco*. São Paulo, SP:Geenf / FEUSP, 2008.

MARCONI; LAKATOS, Fundamentos de metodologia científica 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

NÚCLEO DE INTERCÂMBIO E AÇÕES EDUCATIVAS, *Relatório do 2º semestre*, 2016.

OLIVEIRA, Anna Luiza Barcellos de; BARBOSA, Neilia Marcelina; TICLE, Maria Leticia Silva. *Ação Educativa em Museus: Caderno 04*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/ Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010.

PROEC, *Edital N.º 3. Seleção de propostas curatoriais para projetos artísticos no Centro Cultural UFG 2017*. Goiânia 2016. Disponível em: <https://www.proec.ufg.br/up/694/o/EDITAL_PROEC_N.3.pdf?1483971516> Acesso em: 30 de setembro de 2017.

REM-BA, *Boletim informativo do Museu de Arqueologia e Etnologia – Edição Educação e Patrimônio Cultural: (Texto - Educação: do museu para a vida e da vida para o museu. 2003, p.1.)* 2013.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Resolução - Conselho Gestor da Regional Goiânia Nº 002/2016. Serviço Público Federal, Universidade Federal de Goiás (regimento interno). Disponível em: https://centrocultural.ufg.br/up/875/o/REGIMENTO_DO_CCUGF.pdf. Acesso em: 20 de outubro de 2017.

SILVA, Heloísio de; MORAES, Paul Cezanne Souza Cardoso de. *Aproximações entre arte e vida*. 2013 (Monografia em artes). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes

Visuais. Goiânia.

SILVA, Paulo Henrique. *Exposição propõe reflexão sobre a presença e o papel dos negros nas artes visuais*. Exposição Vozes do Silêncio. 2017 (Release da exposição).

SOBRAL, Divino. *Diálogos possíveis 3*. Goiânia, 2016. (Texto curatorial).

TEIXEIRA, Lia Canola. *Conservação preventiva de acervos* / Lia Canola Teixeira, Vanilde Rohling Ghizoni - Florianópolis: FCC, 2012. 74p. il. 19cm (Coleção Estudos Museológicos).

ANEXOS

ANEXO 1 AÇÕES EDUCATIVAS VOZES DO SILÊNCIO

Núcleo de Intercâmbio e Ações Educativas (NIAE)

Nós, do NIAE, iremos produzir um **diário/livro** com fotos e pequenos arquivos de áudio com as vozes/falas das pessoas visitantes à exposição. O áudio será exibido concomitantemente com as fotos das visitas. Iremos, portanto, produzir um vídeo com este material e, se possível, exibi-lo na “roda de conversa” e lançamento do catálogo da exposição, dia 2 de setembro.

Se não tivermos esse “espaço” nessa ocasião, enviaremos o arquivo para os artistas e curador da mostra, com a finalidade de divulgar o trabalho do NIAE.

Ação I

Obra base: Moisés Patrício

Conceito: Identidade, interseccionalidade, diversidade cultural

Público alvo: Ensino Fundamental - primeira fase - entre 6 a 10 anos.

Temporalidade: 5 minutos na entrada, 30 min. de visita, 25 minutos a ação.

Descrição da Ação:

Durante a visita dialogada, dar destaque à obra de Moisés Patrício, enfatizando a pluralidade de lugares, cores e objetos do cotidiano usados para produzir a obra. Explicar que a “pulserinha” usada pelo artista é um objeto de proteção da religião do candomblé. Após a visita, o NIAE deve incentivar o Grupo com os questionamentos: Quem é você no mundo? Se você tivesse a oportunidade de participar de um grande mural com as mãos de todos os povos do mundo, como seria sua mão nesse mural? O que gostaria de colocar na sua mão para representar você?

Pedir ao grupo para fazer desenho da própria mão (o contorno da mão) em folha A4 (coloridas) e ilustrar da forma que quiser (com canetas, lápis de cor, desenho, colagem, escritas...). Em seguida, montar no chão da Galeria um mural com os desenhos. Os alunos e alunas podem levar e reproduzir o mural em suas escolas.

Materiais:

- 1 Papéis coloridos (A4)
- Lápis de cor, canetinhas, giz de cera
- Tesoura
- Revistas
- Cola

Ação II

Obra base: Paulo Nazareth e Dalton Paula

Conceito: identidade, corpo, preconceito, respeito à diversidade

Público alvo: Ensino Fundamental - segunda fase - entre 10 a 14 anos.

Temporalidade: 5 minutos na entrada, 30 min. de visita, 25 minutos a ação.

Descrição da Ação:

Durante a visita dialogada, fazer referência à lenda da Galinha d'Angola e a obra de Paulo Nazareth. Após a visita, o NIAE colocará no chão da Galeria um papel craft com a representação de um corpo em tamanho real (previamente preparado pelo NIAE). Enfatizar que trata-se de um corpo de uma pessoa negra. Após mais algumas referências e discussões sobre as obras de Nazareth e Dalton, cada estudante usará um papel branco cortado em círculos (previamente preparado pelo NIAE). Nesta “bola branca” devem escrever uma palavra que mais representa a população brasileira e o sistema de privilégios, violências e discriminações históricas vivenciadas no país (pedir para escreverem com as letras “gordinhas”).

Definida e escrita a palavra na “bola branca”, os e as estudantes devem colar os círculos no corpo desenhado no papel craft. Após todos os círculos colados, o grupo deve fazer uma mancha de tinta vermelha no peito do corpo desenhado. A equipe do NIAE deve voltar a comentar a questão da população negra no Brasil e as discriminações pelas quais são vítimas diariamente (falar dos presídios, da classe social e como a escravidão é perpetuada na contemporaneidade através de novas formas de opressão). Os alunos e alunas podem levar o material produzido para ser fixado em suas escolas.

Materiais:

- Papéis brancos recortados em círculos;
- Boneco negro em tamanho real (desenhado em papel craft e pintado com tinta guache);
- Cola;
- Lápis de escrever;
- Tinta guache vermelha;

>> A lenda da galinha d'angola.

Você conhece uma galinha d'angola? Por que ela tem esse nome?

A Galinha d'angola dentro do universo mítico africano está relacionada com a criação do universo e valores humanos como: o perdão, o viver em comunidade, a solidariedade e a generosidade. Existem muitas lendas em torno desse animal.

Uma delas conta que durante uma das piores secas ocorridas nas savanas africanas, quando o sol castigava todos os seres vivos, plantas e animais, quando os rios e lagos secaram, os habitantes dos vilarejos, desorientados, fugiram para as montanhas rogando por chuvas, mas não havia prece que desse jeito na calamidade.

Um dia, porém, uma mancha escura despontou no horizonte. Todos ficaram excitados. Sinal de que as chuvas estavam se aproximando. Mas, um elefante desengonçado atrapalhou tudo, passou em frente a nuvem e ela fugiu assustada.

A galinha-d'angola que naquela época tinha as penas inteiramente pretas, não se conteve. Indignada com a atitude do elefante, correu horas e horas atrás da nuvem, suplicando para que ela retornasse, sem se importar com os espinhos que iam rasgando-lhe as pernas desnudas.

- Por favor, Senhora, volte ! Por favor, Senhora, volte ! – repetia sem cessar, enquanto o sangue escorria por suas feridas.

A Dona das Águas finalmente, parou e disse:

- Por causa de sua perseverança, da sua dor e da sua preocupação com o destino de todas as outras criaturas, eu regressarei. Graças aos meus poderes, interromperei a seca.

- Obrigada - agradeceu a ofegante corredora.

- E, como você se dirigiu a mim de um modo tão respeitoso, receberá de presente o brilho das gotas da chuva, que cairão sobre o seu corpo. Assim, será uma das aves mais bonitas da terra. Não demorou muito para desabar um temporal, em meio a raios e trovões. A galinha d'angola, toda molhada, ganhou como ornamento os pingos que foram resvalando em suas penas, transformando-a, como fora prometido, em uma das aves mais lindas de toda a África.

Enquanto exibem as penas salpicadas de pintas brancas as galinhas-d'angola cacarejam como se estivessem expressando, até hoje, o esforço empreendido por sua ancestral:

- Tô fraca, tô fraca, tô fraca, tô fraca!

Fonte: Rogério Andrade Barbosa. In: Outros contos africanos para crianças brasileiras. São Paulo: Editora Paulinas, 2008.

Ação III

Obra base: O conjunto da exposição

Conceito: racismo, preconceito, narrativas dos oprimidos, o(a) artista negro(a) nos discursos da arte

Público alvo: Ensino Médio - acima de 15 anos.

Temporalidade: 5 minutos na entrada, 30 min. de visita, 25 minutos a ação.

Descrição da Ação:

Após a visita dialogada, convidar o grupo a sentar-se no chão formando um círculo e continuar a discussão sobre as questões trazidas pelas obras, relacionando com as vivências de cada um. Como elas e eles foram afetados pelas obras expostas? Quais sentimentos vieram à tona? Onde moram, existem casos de injustiças sociais diante a população negra? Buscar entender de onde vêm essas vozes e qual a nossa contribuição para que elas sejam ouvidas?

Pode-se também falar sobre a questão do “**local de fala**”, ou seja, quem tem direito de falar sobre os grupos oprimidos? Qualquer pessoa pode falar o que quiser sobre qualquer um? A resposta, provavelmente, é sim, se esse assunto o(a) inquieta. Mas, se um comentário incomodar uma mulher, é porque tem algo errado. Se incomodar uma pessoa não heterossexual, tem algo errado. Se incomodar uma pessoa negra, tem algo errado. Pois, quem vive no corpo as marcas da opressão tem, sim, a experiência como conteúdo formador de sua identidade. O que não significa que essa pessoa assume o lugar do opressor, detentor dos privilégios, ao contrário. Afinal, o “**local de escuta**” (em muitos contextos mais importante que o local de fala), sempre esteve ali para essas pessoas, que pouco conseguem ser ouvidas.

Materiais: Não necessitará de materiais.

Ação IV

Obra base: Vídeos com as entrevistas dos(as) artistas

Conceito: memórias, narrativas, identidade

Público alvo: público idoso

Temporalidade: 5 minutos na entrada, 20 min. de visita, 35 minutos a ação.

Descrição da Ação:

Pedir às pessoas que assistam os vídeos das entrevistas com os artistas, prestando atenção nas palavras mais usadas pelos artistas (não deve passar de 10 minutos de exibição). Posteriormente, abrir uma discussão com as palavras memorizadas pelo Grupo. Buscar relacionar essas palavras-chave com as vivências de cada um deles. Incentivar relatos sobre a vida de seus avós e bisavós.

Materiais:

Bancos de madeira (ou cadeiras) formando um círculo, para que as pessoas possam conversar sentadas.

Ação V

Obra base: Recorte de acordo com as características do Grupo visitante

Conceito: ludicidade, cognição, coordenação motora

Público alvo: crianças

Temporalidade: 5 minutos na entrada, 30 min. de visita, 25 minutos a ação.

Descrição da Ação: quebra-cabeça fornecido pela equipe curatorial da exposição.

- 1 Elaborar material que possa servir de apoio para o professorado em sala de aula, para ser usado depois da visita, dando continuidade às discussões (pedir ajuda da Priscila).
 >> não teremos tempo para isso.

Recortes de jornal (obra do Helô)+ Obra “A notícia” - retirar notícias de jornais, recortá-las e colar no corpo

DADOS QUE PODEM AJUDAR NAS VISITAS DIALOGADAS:

- A população negra corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios.
- Atualmente, de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras.
- Os negros possuem chances 23,5% maiores de serem assassinados em relação a brasileiros de outras raças.
- Enquanto a mortalidade de não-negras (brancas, amarelas e indígenas) caiu 7,4% entre 2005 e 2015, entre as mulheres negras o índice subiu 22%.
- Existe uma espécie de naturalização do fenômeno dos homicídios da população negra por

parte do poder público. Essa naturalização dos homicídios se dá por processo históricos e econômicos de desigualdade no país, que fazem com que a sociedade não se identifique com a parcela que mais sofre com esses assassinatos.

Fonte: Atlas da Violência 2017, lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública

- Em 2015, mais de 59.000 pessoas foram assassinadas em nosso país. Desse total, 72% são negros.
- A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil.
- Em 2015, 53,2% dos estudantes pretos ou pardos de 18 a 24 anos de idade cursavam níveis de ensino anteriores ao superior, como o fundamental e o médio, enquanto apenas 29,1% dos estudantes brancos estavam nessa mesma situação. Esse dado aponta que uma das chaves para solucionar o problema do racismo naturalizado no Brasil é a educação.

Fonte: PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

ANEXO 2 Caderno de percepções dos mediadores durante a fase de aplicação das ações

Registro das percepções dos mediadores culturais da exposição "Vozes do Silêncio"

Impressão pessoal - Stefanie

Fiz o registro de uma experiência vivenciada em cada um dos três diferentes tipos de ações elaboradas, a fim de registrar o comportamento do público diante delas.

07/08/2017 - Centro de Convivência de Idosos Norte Ferroviário

Ação educativa feita: roda de conversa

Experiência da visita: Compareceram em torno de 6 idosos, dos quais dois eram negros. Todos eram muito interessados e participaram de tudo. Vieram acompanhados da psicóloga da instituição. Durante a visita alguns deles contaram algumas percepções e experiências que lembraram diante das obras.

Na ação educativa: Fizemos uma roda de conversa instigando eles a falarem sobre o que acharam da exposição e sobre assuntos que giram em torno do tema. Instigamos eles a falar sobre os preconceitos que já sofreram ou que já cometeram e como resultado tivemos muito relatos interessantes, principalmente de uma senhora negra que contou um pouco de sua infância com sua mãe na casa dos patrões dela e outros relatos muito emocionantes e até chocantes de seus parentes que foram escravizados.

Nossa percepção: Com esse tipo de público funciona muito a conversa. É uma troca de experiências, eles usam a memória para nos contar suas histórias e nós as recebemos como forma de aprendizado.

15/08/2017 - EMEI Retiro do Bosque - Aparecida

Escola de Aparecida de Goiânia - 4º ano (9 e 10 anos)

Ação educativa feita: bolas brancas coladas no corpo (Dalton e Paulo Nazareth)

Experiência da visita: Os alunos eram bem agitados e não conseguiram se concentrar durante as explicações sobre as obras. Mesmo utilizando uma linguagem fácil e acessível para eles, apenas alguns alunos prestavam atenção e participavam com perguntas e mostrando interesse. Eles tinham um pouco de dificuldade em relacionar as obras com o contexto e

mesmo quando explicamos o porque do nome da exposição, vimos que não ficou claro para eles.

Na ação educativa: Foi contada para eles a lenda da galinha da angola, mas o curioso é que muitos deles não entenderam que era uma lenda, achando até que se tratava de um fato real. Depois de termos mencionado várias vezes durante a visita que a exposição se tratava do negro, corpo negro, falamos a eles que deveriam escrever em uma bola branca, igual à da galinha, palavras que os remetesse a o que eles viram na exposição ou palavras que eles acham que tinham haver com o contexto dali. A maioria dos alunos escreveu palavras como interessante, curioso, muitos escreveram o próprio nome da exposição, alguns escreveram a palavra “santa”, não aparecendo nada muito próximo ao negro, ao escravo, ao corpo negro e etc.

Nossa percepção: Não achamos que a ação não funcionou muito bem. Foi difícil chamar a atenção dos alunos e o momento e proposta da atividade não atendeu os nossos objetivos.

16/08/2017 - EMEI Retiro do Bosque - Aparecida

Escola de Aparecida de Goiânia - 5º ano (10 e 11 anos)

Ação educativa feita: Obra “Aceita?” de Moisés Patrício, mural das mãos

Experiência da visita: A turma já havia sido prepara para a visita pelas professoras em sala de aula e sentimos uma diferença grande em relação as turmas em que não há uma preparação prévia. Os alunos participaram muito concentrados, fazendo perguntas e apontamentos. Nesta visita, fizemos de uma forma diferente da anterior, deixamos eles primeiramente visitar a exposição de forma livre e depois reunimos o grupo e explicamos para eles as obras que eles mais haviam gostado.

Na ação educativa: Fizemos a atividade onde cada um contornava sua mão numa folha de papel e enfeitava a mão e o fundo da folha de acordo com sua personalidade ou como gostaria de tirar um foto de sua mão. Segundo a professora que acompanhava a turma, os desenhos refletiram exatamente a personalidade de cada aluno. Sendo muito interessante para trabalhar com identidade.

Nossa percepção: Achamos que essa atividade funcionou muito bem, pois todo ficaram muito interessados em realizá-la e para os professores é legal levar as mãos para sala de aula, montar um painel igual ao de Moisés Patrício e trabalhar os temas da exposição. A forma de visita também funcionou muito melhor que as anteriores, sendo um jeito mais dinamico e interessante para o público

Impressão pessoal - Flávia

Agendamentos:

5 turmas da Escola de Educação Integral Retiro do Bosque, de Aparecida de Goiânia - 200 alunos + 15 professores

2 turmas da Escola Municipal Mônica de Castro Carneiro, de Goiânia - 70 alunos + 4 professores

3 turmas da FAV/UFG - 40 alunos + 3 professores

1 turma do Arte na escola - 15 alunos + 1 professora

1 turma do IFG - Curso de Letras - 15 alunos + 1 professora

1 Centro de Referência dos Idosos Norte Ferroviário (OVG) - 12 idosos + 1 assistente social

1 turma EM São José, de Goiânia - 35 alunos + 2 professores

Total de pessoas atendidas pelos agendamentos: 414

Desse total, 4 visitas foram feitas com ônibus da UFG, ou seja, uma média de 160 pessoas.

Dentre as ações desenvolvidas para o público agendado a mais aplicada foi a das mãos, inspirada na obra “Aceita?”, de Moisés Patrício, devido a faixa etária dos alunos que conseguimos agendamento, praticamente todos do ensino fundamental I e II.

Outra atividade que também foi bastante realizada foi a da roda de conversa e debate sobre o tema da exposição, com as turmas de graduandos e de idosos.

Com os grupos escolares, a maioria da rede pública de ensino, cujas escolas ficam situadas em áreas mais periféricas da cidade de Goiânia (Jardim Novo Mundo e Conjunto Primavera) e de Aparecida de Goiânia (bairro Retiro do Bosque, próximo à Casa de Prisão Provisória de Ap. de Goiânia), pudemos trabalhar baseada nas obras um pouco da representação artística dos artistas sobre a questão do racismo e do preconceito contra o negro e a negra no Brasil:

Pontos ressaltados durante a mediação:

- 1 Recorte histórico sobre o período de escravidão no Brasil e os reflexos nos dias de hoje;

Apontamentos sobre as religiões de matriz africana;

Questão da miscigenação cultural do povo escravizado (língua e religião);
Dados sobre a violência contra os negros e negras;
Representação na arte da cultura afro-descendente

Impressão pessoal - Lucas Miranda

As ações educativas desenvolvidas na exposição Vozes do Silêncio foi de um enorme aprendizado. Durante as visitas dialogadas, havia sempre um cuidado com a fala, daquilo que tentávamos transmitir aos alunos, pois independentemente da idade, estávamos falando de uma realidade muito difícil, que precisa de um olhar atento e cuidadoso, de respeito, de uma sociedade que seja mais justa e sem preconceito. Minha maior preocupação era com meu lugar de fala, pois não sou negro e sei que por conta disso tive alguns privilégios em minha vida que outros não tiveram, então por mais que discutíamos sobre esses assuntos relacionado ao preconceito, racismo, tomava o máximo de cuidado para não me colocar nesse outro lugar de fala, onde não sei o que realmente é ser negro na sociedade.

Mas apesar das dificuldades, a troca de experiência é uma das partes mais enriquecedoras, se não for a maior, pois presenciamos depoimentos marcantes que nos fazem refletir sobre nossas próprias atitudes. É muito bonito ver as pessoas reconhecendo os próprios preconceitos e buscando mudar esse olhar estereotipado, reconhecendo que a parte bonita da sociedade é a união, é a miscigenação dos povos e as diferenças.

O trabalho do educativo é buscar essas reflexões, mostrar que a arte não é apenas para ser apreciada, mas sim uma maneira questionadora de colocar-nos a repensar nosso lugar de sujeito perante a sociedade, de repensar nossas atitudes, e como educador, gosto muito da fala de Nelson Mandela, onde ele diz que: “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”, sendo o que sempre estamos buscando no educativo do CCUFG.